



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)

INSTITUTO DE ARTES (IDA)

DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS (CEN)

LÚCIA PRISCILA MANGUEIRA TAVARES

A BOTIJA: Uma articulação entre pesquisadora e artista e suas reverberações.

Brasília-DF

2023

LÚCIA PRISCILA MANGUEIRA TAVARES

A BOTIJA: Uma articulação entre pesquisadora e artista e suas reverberações.

Trabalho de conclusão do curso apresentado ao Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Interpretação Teatral.

Orientadora: Prof(a) Dra. Sônia Maria Caldeira Paiva

Lúcia Priscila Mangueira Tavares - 170026019

A BOTIJA: Uma articulação entre pesquisadora e artista e suas reverberações.

Monografia apresentada à Universidade de Brasília como requisito integrante do processo avaliativo para obtenção do título de Bacharel em Artes Cênicas.

Orientadora: Profa. Dra Sônia Paiva.

Aprovada em: 13 / 02 / 2023

Banca Examinadora

Profa. Dra. Sônia Maria Caldeira Paiva

(Orientadora)

Profa. Dra. Fabiana Lazzari de Oliveira

(Examinadora)

Profa. Mest. Maria Oliveira Villar de Queiroz

(Examinadora)

BRASÍLIA

2/2022

Existe uma frase que diz assim: “Se você é da arte, ela vai te buscar em qualquer lugar”. E sim, eu sou da arte, é nela que minha pele arrepia, é por ela que meu coração bombeia o sangue mais forte e é isso que me faz sentir viva.

Autor desconhecido.

Dedico essa escrita à minha querida avó, Geralda Alexandrina, que me contou tantas histórias, tantas canções e neste ano de 2023 nos deixou. Dedico também à Priscila de 2013 que brilhava os olhos ao ver um palco de teatro. Dedico à Priscila de 2017 que ficou maravilhada com o chão de madeira das salas de ensaio da UnB. Dedico à Priscila de 2019 que chorava sem ninguém ver e só queria voltar para casa. Nós estamos conseguindo. Espero que a Priscila do futuro um dia me escreva dedicando os sonhos e objetivos vividos.

GRATIDÃO

Substantivo feminino

1. qualidade de quem é grato;

2. reconhecimento de uma pessoa por alguém que lhe prestou um benefício, um auxílio, um favor, etc.

Sou grata a Deus que me permite todos os dias ver o sol se pôr, ver as mais belas telas; me permite ouvir as melodias das minhas canções favoritas; me permite sentir o cheiro do baião de mainha; me permite tocar as pessoas que eu amo em abraços quentes e apertados; me permite provar todos os dias sabores novos; me permite dizer a palavra gratidão.

Sou grata a Sônia Paiva que enxerga nos “sem jeito” os jeitos mais lindos; que me abriu as portas de sua aula, de sua pesquisa, do seu ateliê, da sua casa, da sua vida, do seu coração; que acolheu os meus sonhos, minha pesquisa, minhas loucuras, minhas angustias e minhas lágrimas; que não desistiu de mim; obrigada por acreditar e propagar seus conhecimentos com os “excluídos”.

Sou grata a mainha que sempre me apoiou desde o primeiro dia que pisei em um palco de teatro, ela que nunca disse não aos meus sonhos, que sempre esteve ao meu lado. Irani mangueira, minha mãe, minha melhor amiga, minha raiz. A painho que sempre se esforçou para não deixar faltar nada, Francisco Antônio que é surdo, mas nunca deixou de me ouvir.

Sou grata pelos amigos que fiz em Brasília. Iasmin de Noronha, a otaku mais cheirosa que já conheci, Henrique Arouche, Maju Sousa, Beatriz Nogfer, Pedro Cantuaria, Mariano, Júlio e tantos outros que cruzaram os caminhos com o meu. A minha parceira Shyrley Araújo que compartilhamos diversas aventuras juntas. E todo aqueles que me acolheram.

Sou grata pelo Coletivo que hoje fomenta arte no Sertão paraibano. Grata a Eric, Thainara, Elaine, Richelita, Fernanda, Pedro, Carrazera, Giovanna, Janduí e tantos outros que passaram e passarão pelo Coletivo Rizomático.

RESUMO

O trabalho apresentado aqui trata-se de uma narrativa autobiográfica, que traz um recorte de tempo na construção de uma artista múltipla. A pesquisa que começa no PIBIC dentro da universidade, que se ramificou em pensamentos, ideias e ações no meu fazer artístico, acadêmico e profissional. O cordel, a narrativa, a luz, o teatro de sombras e toda construção de cenas compartilhadas. Os impactos e mudanças que aconteceram com a pandemia da COVID-19. As reverberações que aconteceram na trajetória acadêmica e artística dessa pesquisadora e como as aplicações dos conhecimentos adquiridos na universidade que afetaram e transformaram as minhas ações dentro do cenário artístico de Cajazeiras, Paraíba.

Palavras-chave: Cordel; Teatro de sombras; Transdisciplinaridade; Narrativa; Colaboração.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1- MEU AMOR PELO CORDEL	12
1.1 Debulhando o cordel	13
1.2 A sombra como ponto de junção	18
2- E AGORA?	21
2.1 Mitose artística	22
2.2 Concretizando ideias	24
2.2.1 Duas caixas	24
2.2.2 Sombras	26
2.2.3 A papietagem de Jurema	27
2.2.4 Duplicação da narrativa	28
2.3 Para o mundo	31
3- REVERBERAÇÕES	32
3.1 Uma construção para o coletivo	36
3.1.1 Ferramentas	37
3.2 Uma cenografia palpável	39
PRÓXIMOS PASSOS	43
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICE	49
ANEXO	68

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A Botija, acervo pessoal, 2020.....	10
Figura 2: mapa mental, caderno pessoal, 2019.....	14
Figura 3: ilustração Sônia Paiva, 2019	18
Figura 4: imagem caderno de processo Priscila Tavares, 2019.....	19
Figura 5: método borboleta. Imagem caderno de processo Priscila Tavares, 2019	20
Figura 6: experimento com projeção no Parque de Produção, acervo pessoal, 2019.....	20
Figura 7: ilustração, Priscila Tavares, 2022	21
Figura 8: imagens de dípticos, caderno Sônia Paiva, 2020	22
Figura 9: ilustração Sônia Paiva, 2020	23
Figura 10: costurando com mainha, acervo pessoal, 2020	23
Figura 11: protótipo, acervo pessoal, 2020.....	25
Figura 12: caixa pronta com sistema de dimmer, acervo pessoal, 2020	25
Figura 13: luzes em RGB fixadas na parte superior da caixa, caderno de produção Shirley Araújo, 2020	26
Figura 14: elementos das três camadas da caixa, acervo pessoal, 2020	26
Figura 15: <i>puppets</i> , Paul Klee, biblioteca do Parque de Produções	27
Figura 16: passo a passo da construção de Jurema, acervo pessoal, 2020	28
Figura 17: o díptico no vídeo de A Botija, acervo pessoal, 2020.....	32
Figura 18: Instagram oficial do festival.....	33
Figura 19: arte de divulgação do festival, acervo pessoal 2022	34
Figura 20: vídeo da primeira montagem de Luciá, acervo pessoal, 2019	35
Figura 21: pasta de referência visual no Pinterest, 2022	37
Figura 22: desenho do cenário, Pedro Dias, 20022	39
Figura 23: construção de praticáveis, acervo pessoal, 2022.....	40
Figura 24: produção bico do urubu e utilização em cena, acervo pessoal, 2022.....	40
Figura 25: mascaras bailarinas produção e utilização em cena , acervo pessoal, 2022.....	41
Figura 26: máscara da pomba produção e utilização em cena, acervo pessoal, 2022	42
Figura 27: produção cacto e cenário em cena, acervo pessoal, 2022	42
Figura 28: novo cenário de Luciá, Pedro Dias, acervo pessoal, 2023	44

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz as reverberações advindas da articulação de uma pesquisadora, artista e produtora a partir da construção de *A Botija*¹, uma pesquisa transdisciplinar da narrativa do cordel e da iluminação de Priscila Tavares e Shirley Araújo desenvolvida entre 2019 e 2020 no Programa Institucional de Iniciação de Bolsas Científicas (PIBIC).

A pesquisa dentro da universidade é sem dúvidas uma das janelas de possibilidades que o aluno encontra para verticalizar algo em que desempenhe maior interesse. O PIBIC foi onde encontrei a oportunidade de aprofundar mais sobre a narrativa do cordel, tendo a transdisciplinaridade como base para essa jornada. Nele foram encontradas brechas para criar, construir e experimentar com diversas possibilidades visuais, musicais e imagéticas dentro da construção da cena.

Veremos como se deu o caminho feito dentro de um processo de pesquisa fenomenológica do PIBIC e o que foi experimentado, encontrado, todas as vivências, trocas artísticas e pessoais vividas dentro do Parque de Produção da Profa. Dra. Sônia Paiva. O ponto de partida veio do interesse de pesquisar a narrativa do cordel em encontro com a iluminação, abrigando-se dentro do Laboratório Transdisciplinar de Cenografia (LTC), projeto de extensão de Paiva, e então partimos numa jornada em busca de um meio que englobasse as nossas linguagens.

Desde o início do PIBIC entendemos esta fase acadêmica como ponto de partida para este trabalho de conclusão de curso.

Esta monografia foi construída com a metodologia de uma narrativa autobiográfica, que traz um recorte de tempo, da construção de *A Botija* no PIBIC até o momento atual, na construção da artista múltipla que me tornei. Aqui, foco na trajetória que percorri e percorro em busca do meu fazer artístico, com visualidade e técnicas que conheci e desenvolvi durante meus estudos acadêmicos.

¹ A botija é o resultado de uma pesquisa feita no edital 2019/2020 do PIBIC. Publicado nos Anais do 26º Congresso de Iniciação Científica da UnB e do 17º Congresso de Iniciação Científica do DF. Link de acesso ao vídeo: https://drive.google.com/drive/folders/1dafh_CMl0hdcVYD9Dq0nBOaQwhmXHP-r?usp=sharing

O objetivo principal deste trabalho é retratar as múltiplas camadas da artista que estou me tornando, no percurso a partir da criação de *A Botija*. Nele, mostrar onde se deu a união das linguagens da narrativa do cordel e da iluminação, as experiências vividas e as reverberações desse processo para vida profissional e acadêmica.



Figura 1: *A Botija*, acervo pessoal, 2020

Veremos ainda, nos próximos capítulos, a análise do processo de trocas entre duas estudantes e sua orientadora. Os encontros no Parque de Produção Sônia Paiva, os artistas, pesquisadores e cordelistas estudados; toda uma vivência artística, acadêmica e pessoal. O espaço de troca encontrado para o desenvolvimento de experiências, criações e descobertas. Como conhecemos a caixa IBM², a sua adaptação, construção e duplicação. Assim como a construção da narrativa desde a pesquisa, análise e escolha das obras cordelistas até sua adaptação para o processo.

Com a pandemia mundial da COVID-19 em 2020 encontramos o díptico como solução para continuação da nossa pesquisa em meio ao isolamento, será dito como ele entrou no nosso projeto, o que é e como utilizamos na construção de *A Botija*.

E como uma artista rizomática³ mostrarei os caminhos traçados, a participação em um festival internacional, além das reverberações do projeto na trajetória acadêmica e artística dessa pesquisadora, como foi a aplicação dos conhecimentos adquiridos na vida profissional e na construção do espetáculo de teatro *Luciá*. Falarei ainda de como afetei o cenário artístico cajazeirense, além dos próximos passos dentro dessa caminhada.

² Caixa para estudo de cor RGB doada à prof.^a Dra. Sônia Paiva pela prof.^a Dr.^a Lygia Saboia do Instituto de Artes (IDA).

³ Quando falo em 'artista rizomática' faço uma comparação ao rizoma e suas ramificações, onde como artista tenho diversas raízes de pensamentos e pesquisa.

1- MEU AMOR PELO CORDEL

Toda pesquisa tem uma história pregressa, algo que gera o interesse nesse determinado assunto. Como filha do Nordeste, cresci ouvindo histórias e versos em cordel da minha família e dos meus professores, tive-o presente na minha formação pessoal e escolar. Já na universidade, por meio da disciplina de Metodologia do Ensino do Teatro com o Prof. Dr. Luiz Carlos Laranjeiras, o interesse em utilizar o cordel como fonte de pesquisa para meu fazer artístico despertou.

A ideia ficou implantada, mas não foi desenvolvida. Então, alguns semestres depois, vi a possibilidade de estudá-la. Junto a minha colega Shirley Araújo, chegamos à proposta de unir a narrativa do cordel e a iluminação, levamos até a professora Sônia Paiva que nos abrigou dentro da sua linha de pesquisa “Orientação de pesquisa no âmbito do desenho da cena para execução de projetos interdisciplinares e transdisciplinares” e do Laboratório Transdisciplinar de Cenografia – Programa de Extensão de ação Contínua de Paiva (LTC).

Os primeiros encontros foram marcados por trocas, orientações e direcionamentos, entre eles: a busca do nosso objeto de estudo – o cordel. No canal do YouTube da TvCaminhos, no programa “Cordelíricas Nordestinas”, pudemos acompanhar uma série de entrevistas com cordelistas brasileiros que trazem versos e histórias da cultura nordestina. Temos no cordel muito mais que versos com rimas e métricas, nele está toda vivência do povo nordestino, é por ele que contamos e cantamos nossa vida, nossa terra e nosso chão. É com ele que passamos adiante toda uma tradição. Uma emoção que pulsa, a saudade que bate no peito toda vez que ouço um verso que fala do meu sertão. É uma tradição passada por gerações, como podemos ver no depoimento de Minervina, da dupla Mocinha e Minervina:

Eu sou paraibana, da cidade de Cuité. Sou filha de agricultores, minha adolescência todinha foi na agricultura. Comecei a cantar, lendo, ouvindo minha mãe cantando, ela cantava o cordel. Pegava no sono em cima do paiol de feijão. É, e era muito bom as histórias que ela lia, dava um sono. E depois eu comecei, aprendi a ler e cantar. Eu não lia, eu cantava o cordel para as pessoas, cantava. (MINERVINA, depoimento pessoal, Cordelíricas Nordestinas, 2016).

O cordel se tornou efetivamente meu objeto de estudo, porque nele sinto muito mais que a rima, ele traz aproximação e identificação, e garanto que em cada canto do Brasil tem um pedaço do Nordeste, sempre que um verso for dito ou cantado a emoção, a saudade e a certeza que seu povo, sua terra, seu chão, toda sua cultura continua lá, viva, existirá no coração nordestino. Nesse aspecto concordo e reverbero com as reflexões de Brasileiro e Silveira.

A tradição oral nordestina não está presente apenas no Nordeste, há estudos que comprovam a máxima de que por onde vão os nordestinos levam com eles sua tradição, exemplo dos estudos sobre a tradição nordestina em São Paulo, expressos em *Aprendendo a Aprender a cultura popular*, de Maria Ignez Novais Ayala (2011). Nesse artigo, a autora mostra que a cultura do imigrante nordestino ganha outra dimensão na cidade grande, mas se preserva, conservando um viés saudosista e a esperança de retorno à sua terra de origem. (BRASILEIRO e SILVEIRA, 2013, p.9).

É cultura viva, passada de geração em geração e como artista e nordestina tenho um propósito de levar adiante toda essa carga cultural que o Nordeste imprime nas páginas de xilogravura das histórias que lhes conto. Então não poderia ser diferente, não poderíamos começar de outra forma a não ser pelo cordel.

E trabalhando a visualidade do cordel temos diretamente ligada a xilogravura, uma técnica milenar oriunda da China que consiste em talhar na madeira imagens que servem como uma espécie de carimbo, transferindo-as para alguma superfície lisa, técnica utilizada para imprimir as capas dos folhetos de cordel. A palavra xilogravura tem origem etimológica proveniente do grego xylon, que quer dizer madeira, e graphein, que significa escrita. Assim como o pesquisador Fernando Chui de Menezes, compartilho da sua interpretação em relação a madeira como matriz das composições de xilogravura não ser uma mera casualidade.

Peço aqui licença poética para uma nota de percepção mais pessoal do que de observação científica – ao assistir ao documentário de Eduardo Coutinho, *O fim e o princípio*, feito a partir de uma série de entrevistas com pessoas idosas de uma vila no sertão da Paraíba chamada Araçás, um detalhe me chamou a atenção: a pele dos entrevistados. Uma pele seca de quem já estivera debaixo do sol por toda uma vida de trabalho e desesperança. Essa pele que pouco trazia a ideia de algo doce e frágil, mas de algo antigo e forte, arcaico até, bastante semelhante à textura do tronco de uma velha árvore sob o sol. Assim é o sertanejo, quase seco. Firme como um tronco que não tomba, mas tampouco é capaz de se mover de sua condição. Essa impressão orgânica me serviu de semente para esta interpretação a respeito da gravura em madeira realizada à tradição sertaneja. (MENEZES, 2010, p. 182).

1.1 Debulhando o cordel

Confesso a todos que a memória não é a minha mais fiel aliada, mas para isso entra o Caderno de Registros, é nele que está toda ordem cronológica de construção do nosso processo. É um drive de memória externa ao meu corpo, é a ele que recorro para aqui descrever o ponto de início das reverberações que lhes mostrarei.

Se dermos uma mirada de cima, um zoom out, e olharmos os cadernos em conjunto, veremos que são testemunhos de uma trajetória. Eles se tornam o próprio percurso da vida do artista, o fio de Ariadne, a memória externa que permite recuperar as imagens, os pensamentos, as ações, a jornada do artista a caminho de conhecer-se. (PAIVA, 2016, p. 66).

Nosso primeiro passo em busca da união da narrativa de cordel com iluminação foi a construção do mapa mental para organizar ideias. A respeito disso, resgato uma citação de Tony Buzan dita por Paiva: “Para o autor, um mapa mental é a melhor maneira de introduzir e de extrair informações do seu cérebro – é uma forma criativa e eficaz de anotar, que literalmente mapeia os seus pensamentos.” (PAIVA, 2016, p. 61). Depois de um brainstorming de ideias em conjunto, definimos nosso mapa mental, como exposto na figura 02, Shirley e eu encontramos no cordel a musicalidade, o ritmo, à métrica, entre outras características ao qual queríamos experimentar na nossa construção.

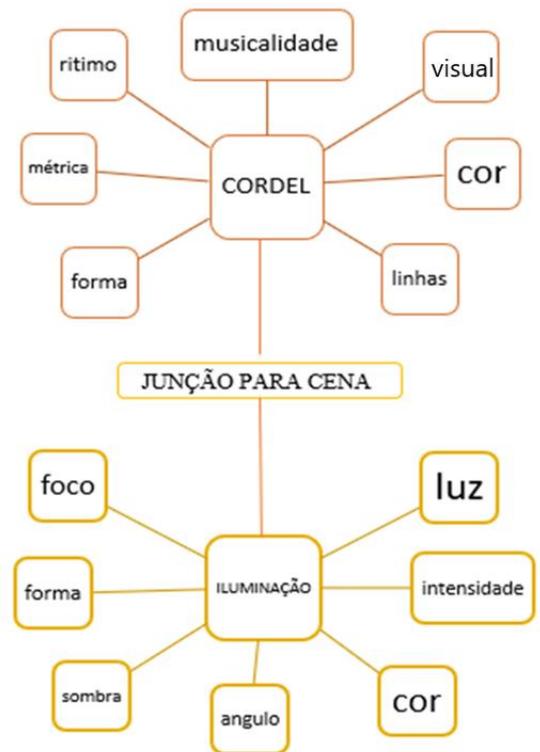


Figura 2: mapa mental, caderno pessoal, 2019

O anseio por respostas imediatas fez com que fossemos em busca de discussões acadêmicas que respondessem todas as nossas questões e como dizia nossa orientadora: estávamos sempre “colocando o carro na frente dos bois”, em uma pesquisa artística como a nossa, o objeto de estudo é a nossa fonte inicial.

Então, na busca pela matéria prima do nosso estudo, fomos até uma antiga banca de jornal localizada na W3 Sul, em Brasília, onde encontramos diversos folhetos de cordéis do artista José Medeiros Lacerda⁴, foram desses cordéis que tiraríamos nosso primeiro experimento. Em uma tarde de imersão na leitura dos cordéis o folheto *A estrada Mal Assombrada* nos despertou maior interesse, nele o autor conta a história de um chofer de caminhão que em um fatídico dia se depara com uma caveira.

A Estrada Mal Assombrada De José Medeiros Lacerda

Nem todo mundo acredita (A)

Em alma ou assombração (B)

⁴ Poeta cordelista nordestino, formado em Letras pela Faculdade Integrada de Patos (FIP) na Paraíba. Hoje com mais de 420 folhetos publicados, faz da poesia a sua terapia ocupacional.

Dizem que história de espírito(C)

É só imaginação (B)

Mas vou contar um enredo (D)

Que me arrepiou de medo (D)

Dessa minha narração (B)

Um chofer de caminhão (A)

Do tipo muito afamado (B)

Desses que nada pra ele (C)

Lhe deixa enrascado (B)

Era um cabra destemido (D)

Só anda prevenido (D)

Temendo ser assaltado. (B)

Andava sempre isolado (A)

nunca quis um ajudante (B)

Só vivia viajando(C)

Não parava um só instante (B)

Sabia muito segredo (D)

Mas de nada tinha medo (D)

Quando estava no volante (B)

Podemos observar que o cordelista utiliza uma estruturação com sete versos em que o segundo, quarto e sétimo (B) rimam entre si, assim como o quinto e sexto (D) também, construindo um esquema de rimas em ABCBDDDB que se estende por todos os versos do folheto. A *Estrada Mal Assombrada* foi nossa primeira fonte de experimento, a partir dela construímos as figuras de sombra e experimentamos a luz de diversas formas.

A Botija

O folheto escolhido para a construção da cena, que definimos para a pesquisa do PIBIC, levou em consideração a estrutura e a narrativa. *A Botija Na Serra Do Malassombro* de José Medeiros de Lacerda conta uma história que já ouvi inúmeras vezes da minha mãe, da minha avó e afirmo, já vi de perto isso acontecer. Quando eu tinha, mais ou menos, uns sete anos de idade o meu irmão mais velho recebeu em sonho uma botija e assim como no nosso folheto o “cabra” tem que ter muita coragem para arrancar a dita cuja, pois é rodeada de assombração que vão tentar a todo custo te impedir de achar o tesouro que lhe aguarda.

Botija na Serra do Malassombro

De José Medeiros Lacerda

Dos meus tempos de criança (A)

Eu trago sempre comigo (B)

As estórias de trancoso (C)

De papangu, papa-figo (B)

De casa mal assombrada, (D)

Medo de alma penada (D)

Era o meu maior castigo (B)

Este medo tão antigo (A)

Foi sumindo da lembrança (B)

Assim como o lobisome (C)

E outros medos da infância (B)

Foi se indo da memória (D)

E nessas velhas histórias (D)

Fui perdendo a confiança (B)

Guardo sempre na lembrança (A)

Um antigo programaço (B)

Que eu fiz com alguns amigos (C)

No maior estardalhaço (B)

Noite de lua, fogueira, (D)

Música clássica e bebedeira (D)

Lá na serra do cabaço (B)

Podemos observar a mesma linha estrutural de construção da *Estrada Mal Assombrada*, com esquema de rimas em ABCBDDDB. Essa sequência métrica que encontramos no cordel traz uma marca da tradição oral dos folhetos nordestinos, onde a rima ajuda na memorização das histórias. Sobre isso os pesquisadores da literatura e oralidade no cordel, Osmando Brasileiro e Regina da Silveira, falam em um dos seus artigos:

No Brasil, a tradição oral se apresenta de várias formas, contudo, a literatura de cordel é a que mais tem resistido e é a maior detentora de um cabedal de informações passadas na forma de expressões rimadas, com características específicas, que instigam os cantadores a memorizarem seus longos poemas. (BRASILEIRO e SILVEIRA, 2013, p.2).

Nossa cena seria realizada por meio de camadas em uma caixa, no fundo uma superfície de projeção para a atuação das figuras de sombras, dentro da caixa os bonecos de luva e na frente, do lado de fora, a atriz. Inicialmente uma narradora estaria em diálogo com as personagens da história e então minha parceira de pesquisa, depois de uma viagem para o Encontro Nacional dos Estudantes de Teatro (ENEARTE), trouxe a ideia do mamulengo que casaria perfeitamente dentro da nossa criação.

O Mamulengo é um fenômeno vivo, dinâmico, em constante processo de mutação, de transformação. Sendo de natureza dramática enquanto folguedo, possui possibilidades consideravelmente mais amplas de incorporar os fatos culturais do cotidiano, e de absorver inclusive, outros folguedos através do seu processo de representação centrado na teatralização do mundo que o cerca, levando à cena os “brinquedos”, as contradições, costumes e tradições da comunidade onde subsiste. (SANTOS, 2018, p. 21).

Levando em consideração a junção com o cordel, que trata do cotidiano do povo nordestino, teríamos agora uma boneca na terceira camada visual da nossa cena.

1.2 A sombra como ponto de junção

O teatro de sombras foi o meio que encontramos para a união das linguagens das nossas pesquisas. Nele, tínhamos a bidimensionalidade, a luz, a sombra, possibilidades de cores, entre outros elementos. Essa é uma técnica antiga tanto quanto o homem, datada suas primeiras aparições no oriente.

Ao se referir ao Teatro de Sombras tradicional Reusch se concerne principalmente as manifestações orientais (China, Índia e Indonésia) que tem como características principais: fontes luminosas estáticas; sombras feitas essencialmente por meio de silhuetas ornamentadas manipuladas por meio de varetas; e o ator-animador oculto. (FILHO, 2018, p. 11).

Seguindo essa linha, queríamos uma caixa onde fosse possível realizar tal experimento e foi então que Sônia nos apresentou a sua réplica da caixa IBM, disponível no seu ateliê no Parque de Produções, com sistema de RGB⁵ integrada com dimmer⁶ e no fundo um espaço que usamos para projeção de sombras, ela era perfeita, então decidimos construir uma também. Algo que tivesse todos os benefícios da IBM e que fosse possível desmontar para viajar. Todas as medidas foram tiradas, cada centímetro, cada espaço seria replicado. Partimos em busca de materiais que pudessem ser utilizados nesse processo, o papelão foi pensado assim como o reaproveitamento de madeiras usadas como, por exemplo, de armários antigos, cômodas ou folhas de MDF⁷. Seríamos duas atrizes com sua caixa viajando com muitas histórias para contar.

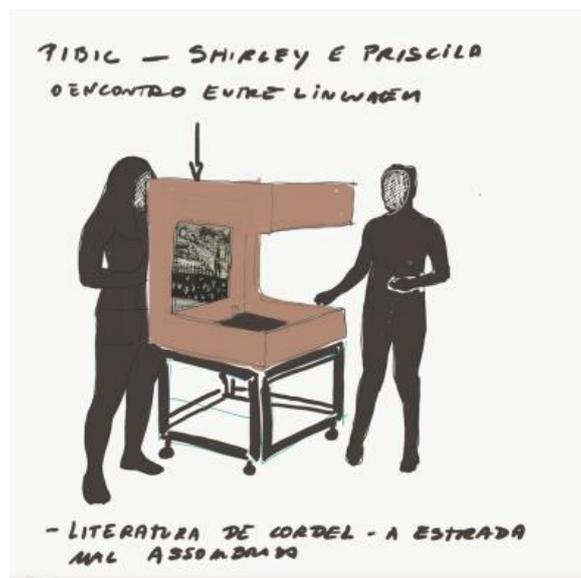


Figura 3: ilustração Sônia Paiva, 2019

⁵ É a abreviação do sistema de cores formado pelos Vermelho (Red), Verde (Green) e Azul (Blue).

⁶ Sistema que controla a intensidade da luz.

⁷ MDF é a abreviação de *Medium Density Fibreboard* que em português pode ser traduzido como "fibra de madeira de densidade média".

Figuras de sombra

Com o espaço de trocas definido fomos para construção das figuras de sombra, utilizando as técnicas da *Lotte Reiniger*⁸. A caveira era nossa personagem principal e foi por ela que começamos. Depois de decidirmos quais partes seriam móveis e quais seriam fixas partimos para o corte na máquina Silhouette Cameo⁹, utilizamos folha de plástico e de papelão, pois dariam maior firmeza, mas por serem de uma gramatura maior que a suportada pela máquina foi preciso o auxílio de um bisturi para a retirada completa de cada parte da nossa caveira.



Figura 4: imagem caderno de processo Priscila Tavares, 2019

Depois de cortadas haviam nove partes: cabeça e troco; quatro partes dos membros superiores; e quatro partes dos membros inferiores. Existiam oito pontos de junção. Utilizando o método borboleta da Lotte Reiniger, onde pequenas dobradiças são feitas com arame e colocadas nas junções das partes, articulamos a figura de sombra.

⁸ Charlotte "Lotte" Reiniger foi uma diretora de cinema alemã pioneira na animação de silhuetas.

⁹ Máquina de corte que pode ser conectada ao computador como uma impressora doméstica, mas ao invés de imprimir ela perfura papel, cartolina, tecido e outros materiais de até 30cm de largura, 3m de comprimento e 2mm de espessura, com uma pequena lâmina.

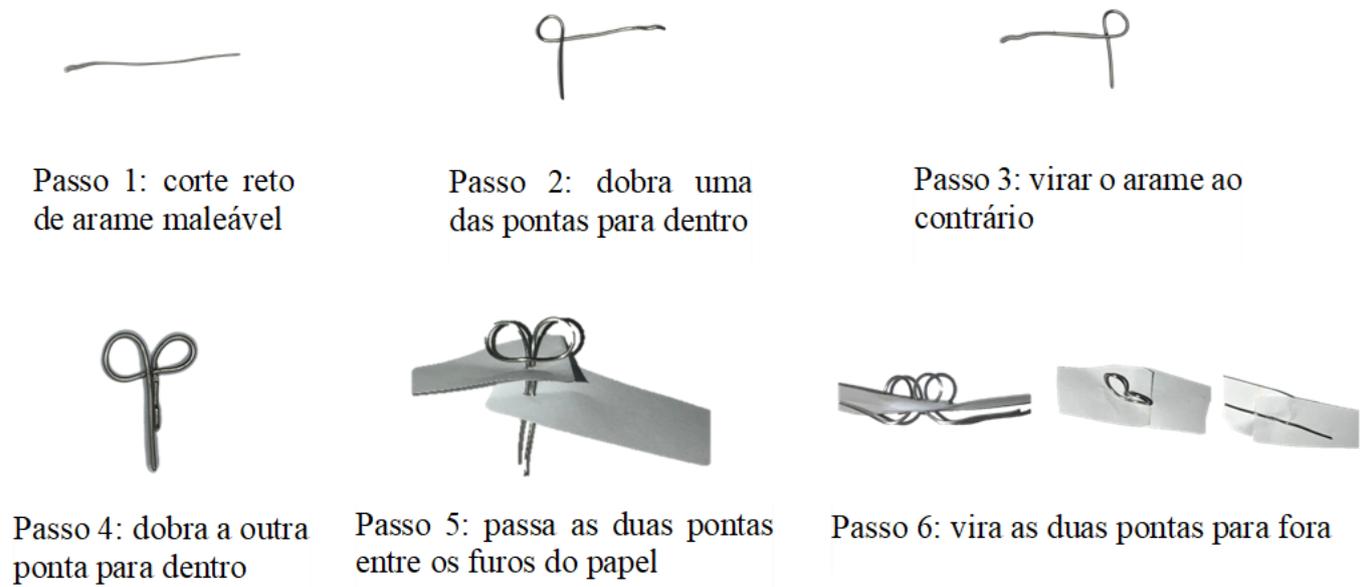


Figura 5: método borboleta. Imagem caderno de processo Priscila Tavares, 2019

Com a caveira devidamente articulada experimentamos no retroprojetor, na horizontal, tendo como resultado a silhueta projetada na parede onde sua manipulação foi feita e fotografada cada movimento, pela atriz-animadora o que resultou nessa sequência que pode ser observada na figura 6.



Figura 6: experimento com projeção no Parque de Produção, acervo pessoal, 2019

Estávamos no final do primeiro ano do PIBIC, tudo encaminhado para construção da caixa cênica, com cronograma sendo definido para ensaios e apresentação do projeto, mas 2020 reservava algo inimaginável.

2- E AGORA?

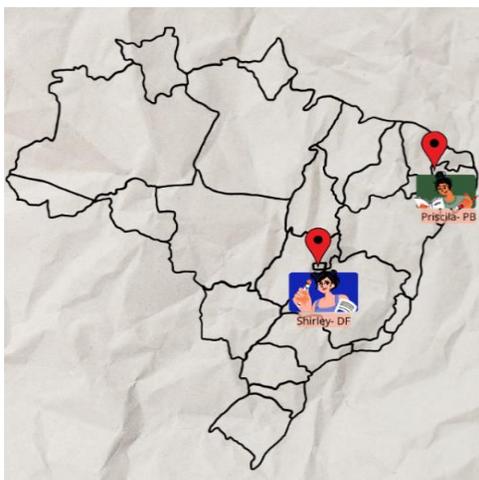


Figura 7: ilustração, Priscila Tavares, 2022

Quando estávamos bem no meio da nossa pesquisa o mundo foi surpreendido por um vírus altamente contagioso e de grande índice de mortalidade. Essa fala, infelizmente, não foi tirada de um filme clichê de ficção científica. A Pandemia da COVID-19 pegou o mundo de surpresa. Máscara, N-95, álcool em gel, isolamento e completa falta de noção de tudo que poderia e estaria por vir. E como todo o mundo, nossa pesquisa teve que ser interrompida.

Agora estávamos cada uma em uma parte do Brasil, eu tive que voltar para minha cidade a Paraíba e todo nosso processo passou a ser on-line. A possibilidade de um trabalho presencial tornou-se impossível, longe geograficamente e sem a presença do público, precisávamos de algo que pudesse ser feito a distância e que não comprometesse nosso trabalho.

O distanciamento não foi o único problema enfrentado nesse período. A ansiedade, o sentimento de incapacidade, de procrastinação e a vontade de desistir faziam parte do dia a dia. Estudos mostram como a pandemia da COVID-19 afetou a saúde mental da sociedade e focando na saúde mental dos universitários uma pesquisa realizada em 2020 aponta que:

Os dados encontrados indicam taxas de depressão maiores que os outros estudos realizados durante a pandemia com a população em geral (Barros et al., 2020; Wang et al., 2020), o que pode ser explicado pelo fato de serem universitários e a pandemia significar uma preocupação maior frente as expectativas de futuro, como, por exemplo, conclusão do curso e inserção no mercado de trabalho. O fato de mais de 70% dos entrevistados relatarem perceber mudanças de humor durante a pandemia indicam para a necessidade de acompanhamento, buscando compreender de que forma e em que intensidade tais mudanças aconteceram, assim como ações de apoio e suporte. (MACHADO e CASIRAGHI, 2021, p. 439).

Ser universitária em meio a um cenário pandêmico é, digamos que, no mínimo assustador. Minha mente vivia povoada por medos e anseios de uma não clareza do que estava por vir. Infelizmente não é um mal que atinge somente a classe discente, os docentes também estiveram em grande pressão, muitos chegando a um esgotamento profissional.

Muitas vezes, por não conseguir atingir os objetivos propostos pela instituição, e devido às diversas pressões relacionadas ao manuseio das tecnologias, gravações de aulas, os docentes acabam adoecendo. Estudos revelam que as tecnologias digitais precisam transcender a educação bancária de difusão de conhecimentos, devendo ser criados espaços de participação, reflexão dialógica,

desenvolvendo o raciocínio clínico, crítico, diferenciado (MCKIMM et al., 2020). Em contrapartida, pesquisas internacionais já revelam o adoecimento docente expresso pelas incertezas, estresses, ansiedade e depressão, levando à síndrome do esgotamento profissional (ARAÚJO et al., 2020). (SILVA, ESTRELA, LIMA E ABREU, 2020, p.3).

A busca agora era por uma forma de concluirmos nossa pesquisa, mesmo com toda a questão do isolamento e distância geográfica. As reuniões on-line com a nossa orientadora era sempre como uma luz no fim do túnel, lembro que eu e Shirley sempre nos encontrávamos para lamentar e questionar “como faríamos isso?” e era só a Sônia aparecer que esse questionamento encerrava.

2.1 Mitose artística

Diante de todos os acontecimentos e da impossibilidade da continuação dos trabalhos presencial, Sônia nos traz o conceito de *díptico*¹⁰ na criação de um vídeo, era a linguagem perfeita para resolver o nosso problema de distanciamento.

Segundo Sônia o díptico, dentro da arte, consiste na criação de uma peça construída em duas partes, podendo ser fotografia, pintura, entalhada, ou qualquer outra coisa. As duas imagens podem se complementar, ter perspectivas diferentes da mesma obra, estar dentro uma da outra, mostrar disparidade como vida e morte, terem compartilhamento de cores e composições com diferentes temas. É uma opção utilizada por diversos artistas há séculos e também utilizada para construção do nosso projeto.



Figura 8: imagens de dípticos, caderno Sônia Paiva, 2020

¹⁰ Díptico, originalmente refere-se a um suporte de escrita utilizado na Grécia, composto por duas tábuas que se fechavam como um livro, com uma camada de cera, sobre que se escrevia com um estilo (uma pequena madeira com a ponta fina). A palavra díptico vem do grego “di” que quer dizer “dois”, e “ptychē” que quer dizer dobrado.

De uma caixa partiu para a construção de duas. Tudo que havia sido pensado para a construção teria que ser duplicado, uma caixa sendo construída em Brasília- DF e a outra em Cajazeiras-PB, mas as duas com a mesma finalidade.



Figura 9: ilustração Sônia Paiva, 2020

A duplicação foi feita em todos os âmbitos do projeto, a caixa, a boneca e a narrativa. Desse modo a construção de *Jurema*¹¹, como batizei carinhosamente minha boneca, foi feita com referências tiradas do mamulengo e de Paul Klee¹². Com isso pude ter um momento de troca com a minha mãe, algo que fortalece o relacionamento e que marca como uma herança funcional humana.



Figura 10: costurando com mainha, acervo pessoal, 2020

¹¹ Boneca produzida artesanalmente com técnica de papietagem.

¹² Pintor Suíço com obras de forte influência expressionista.

Não sou tão boa quanto a minha mãe que tem o dom de criar e consertar qualquer coisa de pano. Ela me ajuda, temos nosso momento mãe e filha. Lembro que foram em momentos como esses que ouvi muitas das histórias e contos as vezes rimados, as vezes só dito. Tradição oral, passando de geração para geração. Ela me disse que sua mãe disse, que sua vó lhe disse e por aí vai. (TAVARES, 2020, p. 11).

Da mesma forma a narrativa do cordel teve que ser adaptada, para assim se encaixar nessa nova configuração. Trazendo um exemplo da adaptação do cordel para o roteiro de filmes temos *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, que foi adaptado para a TV e o cinema. Em um estudo comparativo feito por Ana Lucia, Camila Soreano e Ester Portugal (2021), onde analisam a obra a partir de um aporte teórico comparativo em que afirmam: “A comparação objetivará partir dos folhetos de cordel, instrumentos de influência do autor paraibano até a transformação do auto em filme, observando as semelhanças e diferenças entre as obras artísticas: cordel, teatro e cinema.”. As autoras apontam mudanças feitas na configuração do texto como a localização, que no texto trata-se de um cenário circense e na adaptação para o cinema é substituído pelas ruas de Pernambuco, assim com os personagens que são acrescentados.

Na relação intersemiótica entre o texto original e sua adaptação para a TV pudemos observar que a microssérie apresenta um acréscimo de personagens como: o Vicentão (vivido pelo ator Bruno Garcia), o Cabo 70 (com o ator Aramis Trindade), que se integram às alterações no enredo funcionando como caricaturas de seres conhecidos do Nordeste, presentes nas histórias dos folhetos. Nesse sentido, embora atuando como diferenças, mantém-se o propósito do autor de criar personagens típicos. (SCHMIDT, SILVA e ROCHA, 2021, p. 314)

Sendo assim, partimos do plano da idealização para momento de construção.

2.2 Concretizando ideias

A missão agora consistia em construir duas caixas iguais com as mesmas medidas e as mesmas possibilidades de experimento, além de duplicar tudo que havia sido pensando de forma coerente. Shirley foi a responsável por elaborar as medidas e a forma de construção das caixas, já eu, parti para o trabalho com a narrativa.

2.2.1 Duas caixas

As medidas da caixa IBM foram a referência para construção dos arquétipos, onde foi feito os primeiros experimentos. O papelão foi a matéria prima para montar o protótipo, além de matérias como tesoura, estilete, cola quente, e retalhos de tecido branco, para a projeção de sombras, e pretos para as pernas dentro da caixa. O protótipo foi uma prévia do que seria feito para que se qualquer erro surgisse pudéssemos ajustá-lo antes da construção definitiva.

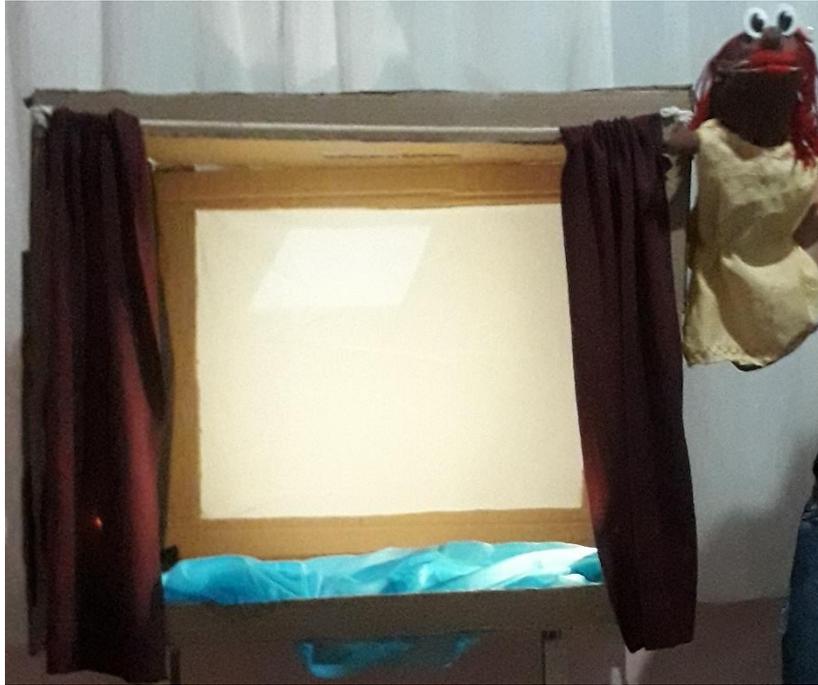


Figura 11: protótipo, acervo pessoal, 2020

Diferente da IBM decidimos montar com seis partes que se conectam através de dobradiças feito com MDF reciclado e com quatro lados vazados, a frente, para o público ver, as laterais, para a manipulação dos bonecos dentro da caixa, e o fundo com o acetato leitoso para a projeção das sombras, uma pequena abertura em cima para o manuseio de luz ou objetos de cena.



Figura 12: caixa pronta com sistema de dimmer, acervo pessoal, 2020

A caixa é composta também de vestimentas como as pernas, feitas de tecido Oxford e sustentadas por palitos de madeira pintado de preto, os mesmos são utilizados para fazer as “varas de iluminação” colocados na parte superior da caixa onde pode ser fixado pequenas luzes, nesse projeto foram utilizadas lâmpadas de lanterna de carro de 12v, com mine

mosquetão¹³. Na figura 13 é possível observar a caixa de iluminação com controles e dimmer para as luzes fixadas na parte de dentro.



Figura 13: luzes em RGB fixadas na parte superior da caixa, caderno de produção Shirley Araújo, 2020

2.2.2 Sombras

Com a caixa pronta partimos para a construção das figuras de sombra. O material escolhido para confecção foi o papelão, por ser de fácil acesso e por ser maleável e firmeza ao mesmo tempo. Entre os objetos a serem feitos tinham: calendário, relógio, ponte, árvore, serra, monstros, enxame de abelhas, botija, índios e uma versão da boneca em 2D para o teatro de sombra.



Figura 14: elementos das três camadas da caixa, acervo pessoal, 2020

¹³ O Mosquetão é um equipamento de segurança formado por um elo de metal que possui uma parte móvel

Na camada do meio, o interior da caixa, tínhamos o personagem do indígena que foi construído a partir referências do *puppeteer* de Barnaby Dixon¹⁴, os bonecos de dedo articulados. Entre os materiais utilizados estão o EVA, arame, nylon e também a técnica de papietagem para a cabeça do personagem. Na camada externa, à frente da caixa, ficaram as duas bonecas que disputavam a narrativa e transitavam da camada externa para a do interior da caixa.

2.2.3 A papietagem de Jurema

A papietagem é um método artesanal, derivado da técnica de papel machê, que consiste em camadas de papel embebidas com uma mistura de água e cola branca por cima de uma estrutura. A estrutura criada para dar forma a cabeça de Jurema foi produzida com massa de modelar, utilizando traços físicos pessoais estruturados com as referências de Paul Klee para dar forma a nossa personagem.



Figura 15: *puppets*, Paul Klee, biblioteca do Parque de Produções

Foram longos dias de “papel-cola-papel-cola-papel” até obter uma estrutura firme. Com os materiais disponíveis em casa, como caneta e tinta de tecido, comecei a parte da pintura e desenho. Com uma bola de isopor e fios de lã ela ganhou cabelos. Para o corpo apenas um retalho de tecido medido na mão, cortado e costurado. A cola permanente fixou as partes e assim nasceu Jurema, uma de nossas protagonistas.

¹⁴ Barnaby Dixon é jovem artista que cria, constrói e manipula bonecos articulados para os dedos. Com um canal no youtube com mais de 1 milhão de seguidores, veja: <https://www.youtube.com/user/barnabydixon>.



Figura 16: passo a passo da construção de Jurema, acervo pessoal, 2020

2.2.4 Duplicação da narrativa

A primeira mudança efetiva do texto foi um recorte que fiz no folheto original, pegando apenas uma cena da história gera e utilizando os versos 1, 12, 13, 14, 15 e 16, onde o narrador conta sobre um sonho que teve em uma viagem com Dudé, um cara cheio de histórias de mal assombro. Quando o díptico foi integrado ao processo o texto foi dividido para duas personagens e para a história não perder a coerência foi preciso o acréscimo de outros versos¹⁵ que se encaixasse na nossa história. Para isso levei em conta a estruturação da rima e da métrica

¹⁵ Veja o texto no Apêndice A.

que o autor traz na escrita dos seus folhetos, para não perder o ritmo do cordel. Sobre ritmo Fernanda D'olivo afirma:

Pelo ritmo, as temáticas são textualizadas e a partir dele, confere-se um outro modo de significar os assuntos. Há um jogo de brincadeira conferida pelo modo poético do cordel, em que, para seguir determinado esquema é preciso selecionar determinadas palavras, excluindo outras, silenciando outras possibilidades. O ritmo, assim, se instaura, no discurso, como um acontecimento que se dá ali, naquela possibilidade de dizer, naquele instante, por um determinado jogo de rima e métrica que, para existir, silencia outros dizeres e outras organizações sintáticas. (D'OLIVO, 2018, p. 337)

Com isso temos uma construção na qual se enquadra no vocabulário nordestino. Confesso que como nordestina não foi difícil escrever esses versos, apesar de que, a escrita em cordel era algo novo para mim, já havia escrito algumas poesias e poemas, mas nada de cordel. Porém, o vocabulário nordestino é algo que faz parte da minha vida e da minha construção é como ouço meus avós falarem, meus pais e afins. A cena 01 começa com uma paródia da embolada da *Caveira* da dupla *Caju e Castanha*, feito pelo meu amigo de longa data Jorge Robério.

EMBOLADA DA CAVEIRA

CAJU E CASTANHA

Vem ver, Lucimar

A noite como está linda

Eu não tinha visto ainda

Aquela estrela brilhar

PARODIA DA CAVEIRA

JORGE ROBERIO

Vem ver, venha cá

Eu não tinha visto ainda

Duas cumade que tinha

Tanta história pra contar

A decisão da cena ser musicada e a abertura com a embolada¹⁶ encaixou perfeitamente, trazendo mais uma vertente da cultura nordestina. A musicalidade rimada do início da cena convida o espectador a embarcar nessa história, além de trazer uma identificação e memória para mim na construção. O coco de embolada é uma arte popular nordestina onde dois cantores na batida acelerada do pandeiro rimam no improviso ou com versos decorados, muito famoso e apreciado pelos nordestinos. Algo que ficou marcado na minha infância era quando meu pai colocava fitas no antigo rádio, no final da tarde para ouvirmos eu, ele e meus dois irmãos mais velhos, a embolada da caveira era uma das minhas preferidas. Entre os versos que tiveram que ser criados para a duplicação da cena lhes apresento o seguinte:

Tu se lembra de Dudé? (A)

sempre gostou de contar acontecido (B)

O que eu mais tinha era medo (C)

Pense num homem descabido (B)

E de tanto ele contar (D)

Pois um dia fui eu sonhar (D)

Com uns danado aborrecido?! (B)

Observem que mantenho o vocabulário nordestino integrado, o esquema de rima em ABCBDDDB e me mantenho dentro da linha da história, dando uma introdução do porquê do sonho aborrecido, isso mantém o ritmo parecido com o que o autor construiu no folheto original.

Com tudo duplicado partimos para a gravação da cena. Utilizamos a caixa construída por Shirley, pois continha o sistema de iluminação, e tudo se deu de forma rápida e inesperada, duas atrizes/pesquisadoras tendo que se virar com cadeiras e caixas de sapato como tripé e um celular, para registrar a união de todas as ideias, pensamentos e referências de uma pesquisa. Foram quase 24 horas de trabalho ininterruptos para gravamos uma cena com um pouco mais de três minutos.

Para a edição recortamos e colamos tudo usando a ideia do díptico. Em casa, por telefone, David Lourenço foi o nosso editor, passar para ele como deveria ser feita essa junção

¹⁶ A embolada ou coco de embolada é uma arte popular nordestina onde dois cantores na batida acelerada do pandeiro rimam no improviso ou com versos decorados.

final deu-se graças ao roteiro e storyboard previamente feitos, com ações, tempo e lugares definidos.

2.3 Para o mundo

O fazer artístico está diretamente ligado a reverberação no outro. Então, com o projeto pronto embarcamos na Semana Universitária da UNB, onde foi exposto nosso artigo para toda comunidade acadêmica, e também no Anima Udesc - Seminário Internacional de Estudos sobre Teatro de Animação. Quando A Botija foi selecionada para participar desse festival um misto de medo, ansiedade e felicidade tomou conta de mim, o medo e ansiedade de participar de um festival de proporção internacional com nomes de artista do cenário do teatro de animação que vem desenvolvendo pesquisas ao longo de suas carreiras e a felicidade de estar no meio dessas pessoas, de poder compartilhar a delícia que foi construir A Botija.

A edição em que nossa pesquisa foi exibida e discutida aconteceu de forma on-line, devido ainda estarmos no auge da pandemia, em maio de 2021. No momento tivemos a oportunidade de compartilhar o processo de criação, de duplicação e reformulação do nosso projeto. As apresentações dos vídeos e as conversas aconteciam ao vivo em transmissão pelo YouTube¹⁷ e os espectadores, que acompanhavam tudo, mandaram perguntas pertinentes ao que se era discutido com os facilitadores e os outros pesquisadores que também exibiam seus trabalhos. Além da plataforma do Youtube também foi exibida na SEMUNI (Semana Universitária da UnB).

O díptico foi algo que despertou o interesse do público, eles queriam saber do que se tratava e como aplicamos no nosso trabalho. Em resposta Sônia explicou o conceito e dentro do nosso projeto as camadas que se completavam na estética de duas caixas, onde às vezes a camada externa conversava com a profunda, outra vez uma estava dentro da outra, as vezes lado a lado e assim nasceu o vídeo de duas narradores que disputam para contar a mesma história.

¹⁷ Assista nossa apresentação no Anima Udesc no canal do Youtube pelo link: <https://www.youtube.com/live/S-gsuB9S4zw?feature=share>, em 2 horas e 14 minutos de vídeo.



Figura 17: o díptico no vídeo de A Botija, acervo pessoal, 2020

3- REVERBERAÇÕES

Cajazeiras¹⁸ é um berço de artistas. Nomes como Marcélia Cartaxo, Susy Lopes, Thardelly Lima, Buda Lira, entre tantos outros, conquistam cada vez mais espaço no cenário cultural do nosso país, no cinema, na TV, no teatro, nas produções, nas criações e todos eles nascidos na terra da cultura. Um lugar de teatro, música, dança, artes visuais, arte botânica, da cultura popular e como uma boa cajazeirense estou nessa caminhada, também, fazendo arte.

Admito que voltar para casa foi uma das melhores coisas que me aconteceram nessa pandemia. Eu sou um pássaro livre com uma árvore forte e enraizada a qual sempre irei voltar, carregada de todo conhecimento que adquirir nos pousos que fizer, das viagens que realizar. Mas a pandemia foi um grande infortúnio na minha trajetória e por um momento eu acreditei que desistir de tudo seria a melhor opção. Então, quando estava prestes a desistir, o reencontro com um amigo bailarino de longa data me fez perceber que minha caminhada não era só minha, ele falou que eu era corajosa, que tinha ido atrás do meu sonho mesmo com todas as dificuldades e que eu era um exemplo de determinação. Nesse momento percebi que não poderia parar no

¹⁸ Cidade do alto sertão paraibano e terra natal dessa pesquisadora.

meio do caminho, pois não faria sentido na minha existência. Uma vez li uma frase que dizia assim: “se você é da arte, ela vai te buscar em qualquer lugar”. E sim, eu sou da arte, é nela que minha pele arrepia, é por ela que meu coração bombeia o sangue mais forte e é isso que me faz sentir viva.

“Que a arte me aponte uma resposta mesmo que ela não saiba, e que ninguém a tente complicar pois é preciso simplicidade pra fazê-la florescer, pois metade de mim é plateia e a outra metade é canção.”

E é com esse trecho da canção *Metade* de Oswaldo Montenegro, que começo falando do C’arte¹⁹, um sonho de cinco artistas cajazeirense que se uniram com teatro, música, dança, artesanato e arte visual em prol de um festival que contou com a presença de inúmeros artistas paraibanos. Fernanda Mangueira, Erica Lacerda, Pedro Dias, Gutemberg Junior e Priscila Tavares foram esses os nomes por traz de toda organização, da concepção à realização. Um projeto aprovado com o maior prêmio da Lei Emergencial de Cultura Aldir Blanc- 003/ 2021 do edital *Parrá*²⁰, em que, conhecimentos de pré-produção, produção e pós-produção adquiridos com a Profa. Dra. Sônia Paiva foram compartilhados e utilizados para a execução desse edital.



Figura 18: Instagram oficial do festival

O cordel foi a base para a identidade visual do nosso festival²¹, um patrimônio imaterial do nosso povo e quem tem a cara do nosso projeto, trazendo principalmente a xilogravura como elemento visual para nossas artes.

¹⁹ *C’arte: uma experiência cultural pelo Sertão paraibano* é um festival realizado com recursos da Lei Emergencial de Cultura Aldir Blanc- 14.017/2021. Link de acesso para mais informações sobre o festival: <https://www.instagram.com/c.artecz/>

²⁰ Link para o edital:

<https://sites.google.com/view/leialdirblancpb/premia%C3%A7%C3%B5es/pr%C3%AAmio-parr%C3%A1?authuser=0>

²¹ Aqui você vê um pouco mais sobre nossa escolha:

https://www.instagram.com/tv/CcOQDZdDIBi/?utm_source=ig_web_copy_link



Figura 19: arte de divulgação do festival, acervo pessoal 2022

O festival ocorreu nos dias 20, 21 e 22 de maio de 2022 e contou com a presença de artistas da música como Seu pereira, Descendentes das Tribos, Vanessa Meireles, Joabson do Acordeom; de apresentações de teatro do Coletivo Rizomático e do Grupo de Teatro Oficina; do Grupo de Capoeira Ginga Brasil; da quadrilha junina Tradição da Império; dos grupos de dança: Cia Freestyle e Cia Arabesque; de apresentação da Drag Queen Mohanna Moon; além de oficinas de teatro, música, dança, artesanato e arte visual; e também uma feira cultural com diversos artistas/artesãos da cidade vendendo seus produtos nas três noites de virada cultural. Com todas essas atrações pudemos circular o dinheiro do prêmio entre os artistas locais e do estado, os artesãos garantiram uma renda extra durante o final de semana e a comunidade de Cajazeiras e região pode ter acesso de forma totalmente gratuita a toda programação.

O espetáculo teatral *Luciá* abriu o festival em sua primeira noite. Um espetáculo que nasceu de uma pequena cena de apenas 15 minutos²² em 2019, na disciplina de Direção com o Prof. Dr. Tiago Mundim. O texto, escrito por mim, inicialmente trazia a história de uma menina que tinha o sonho de conhecer o mar e que partia em uma grande aventura do sertão paraibano até o litoral, mas a sua escrita coincidiu com um caso de feminicídio²³ que aconteceu em 23 de

²² Assista aqui a montagem de 2019 de *Luciá*:

<https://drive.google.com/drive/folders/1v4YNMrJxCfmzs41QhX5sDb24u8tOPeEd?usp=sharing>

²³ Veja aqui a reportagem do caso:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/08/26/interna_cidadesdf.779250/cozinheiro-presos-confessou-ter-assassinado-leticia-sousa.shtml

agosto do mesmo ano e então a cena tomou outro rumo. *Luciá* passou a contar a história de mais uma vítima de feminicídio do nosso país.



Figura 20: vídeo da primeira montagem de *Luciá*, acervo pessoal, 2019

A escrita sofreu mudanças, o estudo e pesquisa no PIBIC influenciou diretamente na forma em que o texto foi construído. De um diálogo comum como em outros textos teatrais para uma escrita inspirada no cordel com poemas e rimas em toda sua construção trazendo o vocabulário nordestino e figuras do Sertão.

Trecho do texto *Luciá*

Priscila Tavares

Luciá nasceu por nome de Lúcia,

Mas sua vó insistia em acentuar o a da menina

Acabou por se chamar assim: Luciá Neta de Terezinha

A menina era apegada a um tal de vô Romeu

Que lhe deixou numa mala, perdida no seu próprio eu

Andava buscando um caminho,

Mas na verdade o seu destino

Era a mala do vô Romeu

Por se tratar de um texto teatral com diálogos e narrativa sua métrica foge um pouco das comumente encontradas nos folhetos de cordel, mas a rima e elementos que retratam o Nordeste permanecem em sua construção. *Luciá* é um projeto que une arte e política com música, dança, arte visual e cordel trazendo a violência contra a mulher como temática principal do espetáculo.

Além do tema ser um ponto de discussão tanto no coletivo como com a plateia, a construção do espetáculo é feita a partir dos conhecimentos específicos de cada um que compõe o grupo.

A maneira de fazer arte sempre foi diversa, há inúmeros fazeres artísticos, conhecimentos adquiridos individualmente e a concepção que decidi trabalhar é na transdisciplinaridade²⁴ e no colaborativo em que utilizamos de todos os saberes em prol da construção de espetáculos. Alinhando-se com os pensamentos de Sônia Paiva com o LTC, pois foi no seu fazer artístico que me senti contemplada enquanto aluna, artista, pesquisadora e pessoa.

No LTC somos fundamentados na transdisciplinaridade, porque o teatro é, em sua essência, transdisciplinar, provendo naturalmente o locus ideal para pensamento e o fazer holísticos.

Reconhecemos que é extremamente difícil a compartimentação do conhecimento em nosso pensar e buscamos uma prática coletiva que nos cure desse pensamento fragmentado e desconectado, que nos impede de trabalhar com e na realidade. Uma realidade que se mostra sempre em sua totalidade, em todas as dimensões e simultaneamente. (Paiva, 2016, p. 24)

3.1 Uma construção para o coletivo

Quando levei a proposta de construir *Luciá* em Cajazeiras tínhamos um texto, a vontade e a experiência artística de cada um. Inicialmente com Eric Lacerda e Vitória Sanz, fizemos um trabalho de leitura e entendimento do texto para que se familiarizassem com a temática e com a escrita, houve coisas que descobrimos juntos e outras que eles foram descobrindo ao longo do processo, ressalto aqui um trecho do texto em que Vitoria se surpreendeu durante um ensaio:

Usava chapéu de lado

Com um monte meio amassado

Passando a mão de baixo a cima?

A atriz em sua interpretação, quando falava o texto que está destacado, fazia menção a um volume na cabeça. Questionei a ela o que a personagem se referia com isso e ela, com toda sua inocência, me falou que era o chapéu que o avô usava, então lhe disse que esse trecho não estava falando do chapéu e sim do amontoado das genitálias na calça do avô. Em choque ela ficou alguns minutos em silêncio e me disse que era muito sutil a maneira com que o texto apresentava a violência sofrida pela protagonista. Essa sutileza se repete durante toda

²⁴ “Em síntese, conforme Gilbert Duran (1998), a abordagem transdisciplinar tenta extrair, da colaboração das várias disciplinas, um fio condutor, epistemológico.” (PAIVA, pag. 21, 2006)

construção do texto e traz situações e violências sofrida pela protagonista nas frases rimadas que ela repete.

3.1.1 Ferramentas

Entre os recursos utilizados durante o processo de construção do espetáculo teatral *Luciá*, destaco aqui: exercícios e jogos teatrais de aquecimento, espacialização, voz, imaginação, entre tantos outros; o *caderno de processo* ou *diário de bordo*, peça fundamental para registro e avaliação do crescimento da personagem criando assim uma espécie de Storyboard, conceito utilizado comumente para animações, mas que Paiva trouxe, durante sua pesquisa, para o teatro e sobre isso ela explica:

Costumava ver, nos ensaios, ideias desperdiçadas por não terem sido anotadas. Desse modo, passei a utilizar o storyboard de maneira diferente. Ao invés de ser uma ferramenta de anotação de coisas imaginadas, como é na animação, ela serve para o teatro como uma forma de registro dos ensaios e de anotação das múltiplas ideias, vindas das diversas linguagens, que naturalmente surgem no processo de imaginar e realizar, o “storyboard em progresso” está sempre sendo atualizado à medida que avançamos nos experimentos. (PAIVA, 2016, p. 62 e 63).

Para construção cenográfica da peça, criamos um núcleo composto por Jorge Robério, que é artesão, e Pedro Dias, artista visual. Durante o processo estive com os meninos utilizando ferramentas que adquiri durante minha formação. Foi feita uma pesquisa imagética e visual para levantar imagens inspiradoras para nossa construção. Utilizando o *Pinterest*²⁵ foram criadas pastas para o levantamento de referência visual que podemos ver nas próximas imagens.

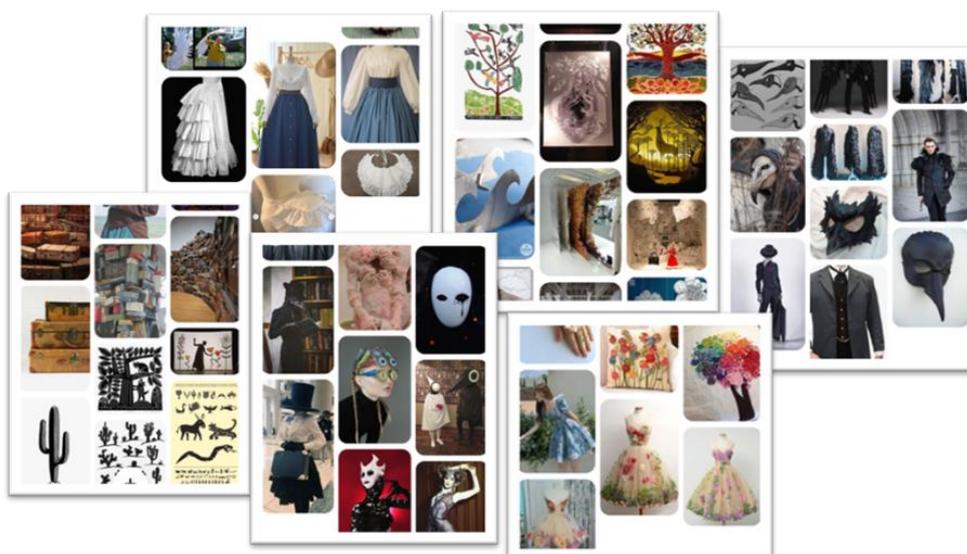


Figura 21: pasta de referência visual no Pinterest, 2022

²⁵ O *Pinterest* é uma rede de compartilhamento de fotos, onde os usuários podem criar pastas com imagens de inspiração de qualquer tema.

A produção do espetáculo foi composta por mim, Priscila Tavares, Richélita Duarte e Elaine Alves. O conceito do 5W2H²⁶ estudado na disciplina de Encenação III com Paiva foi utilizado para organizar toda produção e criação de um documento para se inscrever em editais, com ações para arrecadar fundos e parcerias com órgãos públicos e privados.

A transdisciplinaridade permeia o coletivo que é composto por diversos artistas de várias áreas distintas como teatro, dança, música e afins. Na montagem do espetáculo *Luciá*, diferente do que aconteceu na universidade onde eu tive que me multiplicar para dar conta de tudo, em Cajazeiras pude contar com: o professor e bailarino Eric Lacerda na direção coreográfica; o musicista Carrazera Silva fazendo a direção de todas as músicas do espetáculo; o núcleo de cenografia, já citado anteriormente, tomando conta de cenário, figurino e adereços; Janduy Acendino que é o iluminador do Teatro Iracles Pires²⁷, na concepção da luz; a artista visual Giovanna Veras com a maquiagem, tudo isso de forma conjunta buscando sempre o melhor caminho para chegarmos no resultado que desejávamos.

Destaco aqui a construção de personagem com Eric, ele é um excelente bailarino com um corpo moldado na dança, mas nunca havia subido em um palco como ator. O trabalho que desenvolvi junto a ele foi um grande desafio, era minha primeira vez como diretora na minha cidade. Trouxe conhecimentos adquiridos durante a graduação para trabalhar com ele a voz, dicção, imaginação entre muitos outros.

O Salão da Performance, atividade onde temos diversos adereços empilhados, que servem para construção de personagens e figuras, três corredores onde o primeiro é para interação entre personagens, o segundo apenas para desfile e o terceiro onde está livre para recitar qualquer texto. Foi um exercício da disciplina de Interpretação 4 com a professora Simone Reis, que utilizei com os membros do coletivo e que obtivemos resultados positivos, construções de personagens interessantes e uma conectividade maior entre os integrantes do grupo.

²⁶ 5W2H é uma ferramenta utilizada na administração que tem o objetivo de definir o que será feito (What), porque (Why), onde (Where), quem irá fazer (Who), quando será feito (When), como (How) e quanto custará (How much).

²⁷ Teatro Ica, como é conhecido, foi inaugurado em 1985 tendo uma reinauguração em 2018 após uma grande reforma e leva o nome da teatróloga Íracles Pires Ferreira, que desenvolvia trabalhos artísticos na cidade de Cajazeiras.

3.2 Uma cenografia palpável

A concepção do cenário partiu da ideia de um limbo, onde a personagem principal está perdida acreditando que sua trajetória é em busca de um mar, que nunca existiu. A xilogravura é a nossa principal referência visual trazendo a bidimensionalidade para a cena, o espetáculo é ambientado no nordeste brasileiro e traz elementos da caatinga como o cacto, pedras e arvores secas que podemos observar na imagem a seguir:



Figura 22: desenho do cenário, Pedro Dias, 20022

A estrutura é feita com praticáveis que sustentam as figuras em 2D, posicionadas em camadas a fim de dar profundidade a cena sem perder a ideia da xilogravura. Para construção dos praticáveis utilizamos madeira reciclada de um velho guarda-roupa; foram cortadas quatro partes de tamanhos iguais e mais um para fazer uma espécie de “tampa” deixando um dos lados do cubo aberto para servir de espaço para transportar objetos e também os guardar. As figuras em 2D foram feitas com uma folha de MDF cortadas, pintadas e desenhadas.

Por se tratar de um grupo de amigos artistas ao qual todos tem suas atividades fora o teatro foi preciso montar um dia de imersão, assim como eu fazia com a Shirley no Parque de Produções, dessa forma, em um domingo nos reunimos para de fato construir cenários e adereços. Tudo foi feito por nós: o cenário, as máscaras, os fuxicos do vestido, sapatos, luvas e etc.



Figura 23: construção de praticáveis, acervo pessoal, 2022

Para a máscara do urubu, inicialmente foi recortado um molde no papel e depois passado para o EVA de 5mm. O bico foi texturizado com ferro de solda para dar a textura de madeira imitando as tábuas de xilogravura. Em relação a cor, optamos pelo preto ao invés do marrom da madeira para compor a paleta de cor da personagem. Os olhos foram feitos com plástico vermelho reciclado e fixado com cola permanente. Por fim foi colocado um velcro preto para fixa a máscara na cabeça do ator, como um boné.



Figura 24: produção bico do urubu e utilização em cena, acervo pessoal, 2022

Como na máscara do urubu, para a construção das máscaras das bailarinas foi utilizado um molde de papel que foi passado para o papelão e em seguida coberta com papietagem dando firmeza a estrutura. Foram longas noites e camadas de “papel-cola-papel-cola-papel”. Depois

de seca foi utilizada tinta spray para pintar as máscaras de branco, ao total foram produzidas seis unidades.



Figura 25: máscaras bailarinas produção e utilização em cena, acervo pessoal, 2022

A intenção é passar a ideia de que são outras mulheres que também foram vítimas de feminicídio que passaram pelo mesmo limbo da personagem principal, que são vistas pela sociedade apenas como mais um número, mais uma estatística. Todas sem rosto, sem histórias, sem ninguém só elas e toda dor que passaram. As máscaras não apresentam nenhuma expressão, apenas a palidez de vítimas que tiveram seu corpo violado.

A estética do surrealismo²⁸ entrou como referência para a criação visual do espetáculo para compor o plano da alucinação da personagem principal. A máscara da pomba foi feita com a mesma técnica utilizada para construir a das bailarinas, mas com asas de EVA e olhos por toda sua extensão. Ela retrata uma personagem que é extremamente curiosa e que sempre está de olho em todas que passam por ali, é bem mais insistente, incisiva e direta quanto aos acontecimentos da história. Ela busca fervorosamente o despertar da personagem principal da alucinação que sua mente criou e lhe aprisionou.

²⁸ A ideia do surrealismo entrou no espetáculo na construção das personagens do limbo onde são criatura híbridas que hora são humanos e hora são bichos e permeiam aquele universo.



Figura 26: máscara da pomba produção e utilização em cena, acervo pessoal, 2022

A proposta para o cenário foi uma estrutura branca em 2D, com desenhos inspirados nos cordéis e na xilogravura. O cacto, a árvore e as pedras foram cortadas em uma folha de MDF, pintadas com tinta spray branca e desenhada com caneta preta. Com o cenário branco a iluminação teve uma gama de possibilidades de cores. O cacto exprime a referência visual da localização geográfica da peça, situando o bioma da caatinga presente na região nordestina.



Figura 27: produção cacto e cenário em cena, acervo pessoal, 2022

PRÓXIMOS PASSOS

Dentro da trajetória que decidi trilhar, os caminhos são como raízes de histórias, pensamentos, pesquisas e tudo que já foi citado e em cada uma delas eu encontrei pessoas, pesquisas, métodos, ferramentas, emoções e os mais diversos fazeres artísticos. O cordel como propulsor dessa jornada em busca de uma construção artística trouxe a métrica, a rima e a identidade regional para a minha construção. O teatro de sombra começou como um ponto de junção e hoje faz parte de uma característica da minha pesquisa no âmbito pessoal e profissional. O audiovisual caiu de paraquedas e foi um dos grandes desafios trazendo os conceitos e práticas de storyboard, do díptico, da gravação, da edição e tudo que envolve a construção audiovisual.

Quase todos os métodos que aprendi na academia, no Parque de Produções, na pesquisa de PIBIC e nas trocas artísticas que tive durante minha formação já foram aplicados na minha vida profissional. O Coletivo Rizomático é onde posso compartilhar e experimentar junto com diversos outros artistas: as técnicas de construção de bonecos, do teatro de sombras, da construção cênica, da transdisciplinaridade e muito mais.

Produzir um festival como C'arte foi um desafio gigantesco, toda metodologia de pré-produção, produção e pós produção pode ser experimentada, garantindo a em um dos maiores editais de cultura da Paraíba, para realizamos um evento que atraiu mais de mil e quinhentas pessoas ao teatro, com mais de 40 artistas se apresentando em três dias de muita arte e cultura no Sertão.

Além do C'arte fui uma das fundadoras e produtoras do AnimaCZ, evento geek²⁹ voltado para o público adolescente que existe desde 2015 e vem numa crescente constante dentro da cidade de Cajazeiras, foi a partir dele que consegui um estágio na TV Diário do Sertão, emissora de rádio e TV local. Dentro da empresa desenvolvo um trabalho na redação e também comando entrevista com pessoas da arte. Já entrevistei nomes como Marcélia Cartaxo, grande atriz cajazeirense do cinema nacional que protagonizou filmes como A Hora da Estrela, Pacarrete e A Mãe e acumula diversos prêmios de melhor atriz.

²⁹ Um evento com conteúdo de tecnologia, jogos, animes, cosplay, filmes, séries entre outras atividades.

A reverberação de tudo que aprendi e descobri continuará nas próximas páginas da vida dessa artista, pesquisadora e produtora. Estamos no processo de construção de mais um edital para a segunda edição do Festival C'arte.

Em *Luciá* pretendemos utilizar o teatro de sombras no palco e um novo projeto está sendo construído para transformá-lo em audiovisual; também estamos com uma proposta colaborativa de estudo mais profundado do texto com os alunos do curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras. *Luciá* é um espetáculo que ganhou o coração de todos do Coletivo Rizomático e nossa vontade é desenvolvê-lo para rodar o Brasil inteiro.

Apresentar uma peça é aprender cada dia mais com ela e com o público que a assiste. É uma mudança constante de aperfeiçoamentos. Com *Luciá* não seria diferente, a cada público que apresentamos, cada conversa que temos, cada discussão sobre o texto gera novas ideias.

A partir do novo entendimento do teatro de sombra como parte do espetáculo trabalhamos para a mudança do cenário. Na criação do desenho de Pedro Dias (figura 28) podemos ver os tecidos para projeção de sombras e uma forte presença de malas, que fazem referências às diversas mulheres que já passaram por esse limbo.

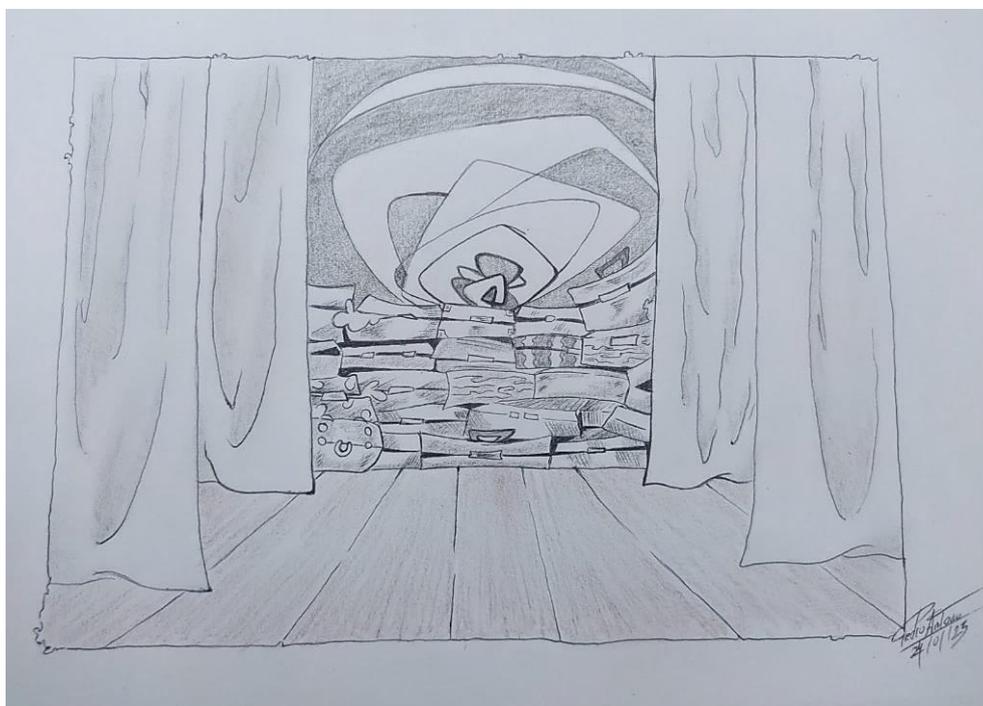


Figura 28: novo cenário de *Luciá*, Pedro Dias, acervo pessoal, 2023

Na cena I do espetáculo temos o plano da memória de *Luciá*, onde ela se despede de sua vó em busca da sua jornada ao mar que será projetada nos tecidos do cenário. Alguns dos

personagens presentes no espetáculo surgirão das sombras, inicialmente sendo vistos apenas sua silhueta de animal nos tecidos para só depois revelar sua forma híbrida. Isso é apenas o início de uma grande rede rizomática que busco criar com inúmeros artistas trabalhando com a transdisciplinaridade no seu fazer artístico.

REFERÊNCIAS

- ARY, Rafael. **PRINCÍPIOS PARA UM PROCESSO COLABORATIVO**. Cena, [S. l.], n. 18, 2016. DOI: 10.22456/2236-3254.60785. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/60785>. Acesso em: 8 ago. 2022.
- BRASILEIRO, Osmando; SILVEIRA, Regina. **Literatura e Oralidade No Cordel: Identidade e Memória Cultural Nordestina**. Nau Literária: crítica e teoria de literaturas, Porto Alegre, vol. 09, n. 01. PPG-LET-UFRGS, jan/jun 2013. Dossiê: Voz e Interculturalidade.
- CHONG, Andrew. **Animación Digital- Blume animación 02**. Editora: Blume, 2010.
- CURREL, David. **An introduction to puppets an puppet-making**. London: The Apple Press, 1992.
- CURREL, David. **Shadow puppets & shadow play**. Marlborough: The Crowood Press, 2007.
- CRISTIANO, Giuseppe. **Storyboard Design Course: Principles, Practice, and Techniques**. Editora: B.E.S. Publishing, 2007.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática, Arte ou técnica de explicar e conhecer**. Editora Ática. São Paulo. 4o edição, 1998.
- D'OLIVO, Fernanda. **Entre rimas e métricas: no jogo poético da materialidade significativa do cordel**. Rio de Janeiro. Entremeios: Revista de Estudos do Discurso, ISSN 2179-3514, v. 16, jan.- jun./2018.
- D'OLIVO, Fernanda. **Narratividade e Senso Comum: Nas Rimas dos Versos de Cordel**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP. 2015.
- FILHO, Welerson. **SOB A SOMBRA DO ATOR: A formação e treinamento do ator no Teatro de Sombras**. Dissertação (Pós graduação Artes Cênicas/Mestrado do Instituto de Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2018.
- KLEE, Paul. **Paul Klee: Hand puppets**. Editora: Hatje Cantz Publishers; 01 Edição, 2006.
- MACHADO, Maria; CASIRAGHI, Bruna. **Depressão e Pandemia: Estudo Com Universitários Brasileiros**. International Journal of Developmental and Educational

Psychology INFAD Revista de Psicología, N°1 - Volumen 1. ISSN: 0214-9877. pp:435-442. 2021.

MENEZES, F. C. Xilogravura - o sertão do nosso olhar. **Revista Trama Interdisciplinar**, [S. l.], v.1, n.1, 2010. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/2151>.

2023PAIVA, Sônia Maria Caldeira. **A encenação pictórica: uma abordagem transdisciplinar**. 2006. Dissertação (Mestrado em arte e tecnologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

PAIVA, Sônia Maria Caldeira. **O Laboratório Transdisciplinar de Cenografia (LTC): locus do Espaço e Desenho da Cena no Brasil**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília. 2016.

SANTOS, Fernando Augusto. Mamulengo: o teatro de bonecos popular no Brasil. **Móin-Móin - Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas**, Florianópolis, v. 1, n. 03, p. 016-035, 2018. DOI: 10.5965/2595034701032007016. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/moin/article/view/1059652595034701032007016>. Acesso em: 21 jul. 2022.

SCHMIDT, Ana; SILVA, Camila; ROCHA, Ester. **O Auto da Compadecida: dos Folhetos Nordestinos Para as Telas Do Brasil**. Revista Transformar, vol 15. N. 1, Jan/Jun 2021.

SILVA, Andrey; ESTRELA Fernanda; LIMA, Nyara; ABREU, Carlos. **Saúde Mental de Docentes Universitários em Tempos de Pandemia**. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 30(2), 2020.

TAVARES. Priscila. **Cordel: Suas Formas em Expressão Para Cena**. 26º Congresso de Iniciação Científica da UnB e do 17º Congresso de Iniciação Científica do DF. Brasília-DF, 2020.

WISNIEWSKI, David. WISNIEWSKI, Donna. **Worlds of Shadow: Teaching with Shadow Puppetry**. Editora: Teacher Ideas Press(NH), 1996.

Mídias digitais

Barnaby dikon. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fPeQR-JBzU>

Cordeliricas Nordestinas série de vídeos no Youtube. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=O3aQnw1MYE&list=PLhsj3cWGL7A2qzfATw_JvvVoCi5wp91JF&index=13

DVD do filme: **The adventures of Prince Achmed**. Filme de Lotte Reiniger.

José Medeiros de Lacerda. Disponível em:<
<https://www.cordelnarua.recantodasletras.com.br/perfil.php>> Acessado em 23 de jul. 2022.

A **CORDA**. Disponível em:<[O cordel e sua estrutura - aCordaaCorda](#)> Acessado em 14 abr. 2022

Cordel

LACERDA, José Medeiros. **A Estrada Mal Assombrada**. Coisas do Brasil –vol. XXXVII.

LACERDA, José Medeiros. **Botija na Serra do Malassombro**. Coisas do Brasil –Vol. 15.

APÊNDICE

APÊNDICE A - A Botija**A BOTIJA**

[adaptação livre, de Priscila Tavares, da obra “A botija na serra do malassombro” de José Medeiros de Lacerda]

Local: INTERNO OU EXTERNO/NOITE

Cena 0: Caixa já montada, uso do repente pra iniciar.

CENA 1

[PERSONAGENS AO LADO DA CAIXA COM AS CORTINAS FECHADAS. INICIA-SE COM O PANDEIRO]

PRISCILA- Vem ver, venha cá

Eu não tinha visto ainda

duas comadres que tinha

tanta história pra contar

SHIRLEY- Vem ver, venha cá

Eu não tinha visto ainda

duas comadres que tinha

tanta história pra contar

PRISCILA- Dos meus tempos de criança (A)

Eu trago sempre comigo (B)

As histórias de trancoso (C)

De papangu, papa-figo (B)

De casa mal-assombrada, (D)

Medo de alma penada (D)

Era o meu maior castigo (B)

SHIRLEY E PRISCILA- Vem ver, venha cá

Eu não tinha visto ainda

duas comadres que tinha

tanta história pra contar

CENA 2

[NARRADORAS VÃO PARA CAIXA, ABREM AS CORTINAS]

PRISCILA- tu se lembra de Dudé? (A)

sempre gostou de contar acontecido (B)

O que eu mais tinha era medo (C)

Pense num homem descabido (B)

E de tanto ele contar (D)

Pois um dia fui eu sonhar (D)

Com uns danado aborrecido?! (B)

SHIRLEY- Oxe, pois eu sei qual foi (A)

Também havia tido (B)

E se brincar mais assombrado (C)

Que seus sonho esquisito (B)

CENA 3

PRISCILA- Sonhei que me aparecia (A)

Uma alma a me atentar (B)

Era um índio que estava (C)

Do meu lado a conversar (B)

Encostado no penedo (D)

Notou que eu tava com medo (D)

E danou-se a enredar (B)

SHIRLEY- Pois pra mim logo foi dois (A)

Cada um com um maracá (B)

Me contando umas histórias (C)

De botija pra arrancar (B)

Eu juro não tive medo (D)

Mas se desse de algum jeito (D)

Tinha fugido de lá (B)

PRISCILA- Já pra mim revelou (A)

Seu segredo em converseira (B)

E eu não tivesse medo (C)

Pois aquilo era besteira (B)

que ele ia me dar (D)

E eu teria de arrancar (D)

Uma botija verdadeira (B)

SHIRLEY- Falou que eu fosse na sexta-feira (A)

Meia noite em um lugar (B)

Onde tem um grande aterro (C)

Na serra Tamanduá (B)

Na encosta de um serrote (D)

Onde ele enterrou um pote (D)

Quando vivia por lá. (B)

PRISCILA- Vá andando sem parar (A)

Passe o Riacho Salgado (B)

Suba onde se atravessa (C)

Um lajedo amarelado (B)

E vá subindo a ladeira (D)

Vai achar uma porteira (D)

Que fica do outro lado (B)

SHIRLEY- Pra mim foi o mesmo camim, (A)

Mas disse pra passar por baixo (B)

De um lastro de capim (A)

Onde já não tem riacho (B)

Mas lá tem encruzilhada (D)

Cheio de alma penada (D)

E uns bicho fei do diabo (B)

PRISCILA- Que tinha um umbuzeiro copado (A)

E não tinha como errar (B)

Tivesse cuidado, com o enxu (C)

Que pode me atacar (B)

Se eu acertasse a rota (D)

Ia ver uma lajota (D)

No lugar de se cavar (B)

CENA 4

[REPENTE]

SHIRLEY - Fui lá para cavar

mas o medo não deixava

e quanto mais eu andava

mais medo tinha de ir lá

PRISCILA- Fui lá para cavar

mas o medo não deixava

e quanto mais eu andava

mais medo tinha de ir lá

PRISCILA E SHIRLEY- VEM VER, VENHA CAAAAA

FIM

APÊNDICE B- Luciá

LUCIÁ

Por: Priscila Tavares

17/09/2019

Edit.01/09/2021

PERSONAGENS:

Luciá- uma menina cheia de sonhos que teve sua vida interrompida pelo machismo patriarcal de poder sobre o corpo feminino. Ela foi violentada e morta por aquele que ela mais amava e confiava. (personagem feminina. Características físicas e idade definidas pela atriz que a fizer.)

Zé Dulu/Clemente- ser de luz, aquele que habita o limbo das almas perdidas. É ele quem aponta o caminho a ser seguido (ator ou atriz)

Serpente/Narradora- Aquela que começa a história, a que tira Luciá desse limbo que sua alma está presa. (interpretado por uma atriz)

Vó Tereza- uma senhora simpática e estressada como toda boa nordestina.

Vó Romeu

NARRADOR

[De um ponta mais alta na lateral do palco ela recita sua história. Desce até o proscênio]

Luciá nasceu por nome de Lúcia, mas sua vó insistiu em acentuar o a da menina.

Acabou por se chamar assim: Luciá, neta de Terezinha!

A menina era apegada ao um tal de vô Romeu

Que lhe deixou numa mala

Perdida no seu próprio eu.

Seu avô, o seu Romeu, tinha sido caminhoneiro a vida toda. Vivia contando histórias do mundo a fora a menina/ Inventou uma vez que o mar dentro da sua mala ele trazia.

Luciá ficou encantada/ e disse que um dia também ia carregar o mundo todo dentro de uma mala. / Sua mãe, moça jovem e arrumada/

morreu de parto num dia de trovoada. /a menina foi criada pelos avôs porque até o pai Deus já tinha levado.
 Luciá cresceu e se pôs moça, mas antes de na vida adulta ela chegar o véi o Romeu na mala lhe fez entrar.

ATO I

.....CENA I.....

[ainda não produzida]

MEMÓRIA

CENÁRIO [Apenas luz e sombra, duas telas mostram as silhuetas das personagens uma em cada lado da caixa cênica] Ou [projeção de um vídeo dessa cena em teatro de sombra previamente grado]

TEREZINHA- Donde foi que se meteu essa menina? (olha pela janela esperando Luciá) Avoada do jeito que é, deve de tá aprontando alguma coisa. (ela varre o chão e passa a vassoura embaixo da cama, encontrando a mala). Oxe! Mas o que é isso aqui embaixo? [Ela puxa a mala de debaixo da cama]

TEREZINHA- Mas essa menina tem os mesmos espetaco do avô! (ela joga a mala em cima da cama, tenta abrir, mas não consegue. Vai até a janela e grita) LUCIÁÁÁÁÁ!!

(A voz de longe responde)

LUCIÁ- SENHOOOOOOORA?

(Luciá entra correndo e se debruça na janela. Quando ela vê a mala em cima da cama entra depressa)

LUCIÁ- Oxente! Mas o que é que a senhora ta fazendo bulindo nas coisas dos outros?

TEREZINHA- Me responda o que é que essa mala veia ta fazendo infurnada debaixo dessa cama??

LUCIÁ- (desconfiada) Eu... (Pensa e responde) guardei de lembrança do vô Romeu, o que é que tem?!

TEREZINHA- Eu te conheço bem demais, pra saber que tu deve é de ta aprontando alguma coisa.

LUCIÁ- Mas vizinha a senhora sabe que o maior tesouro que vô Romeu deixou pra mim, foi essa mala. (sai para o "terreiro") Aqui dentro o vovô carregou cada cantinho do mundo que ele passava.... (sonhadora - saudade). Vovô disse que isso aqui tudo (apontando para o horizonte) já foi mar, mas que os doto de fora vieram e levaram toda nossa água... Ele me disse uma vez que carregou o mar aqui dentro, mas que a viagem era longa demais, e a água acabou desaparecendo antes dele chegar no sertão.

TEREZINHA- Seu avô tinha minhocas na cabeça, e infestou a tua também.

LUCIÁ - Vô Romeu era muito... era...

TEREZINHA - Parecia minhoca, escavacando a terra, atrás de achar água. (dá de ombros como se o que ele fazia era lago inútil).

LUCIÁ- Uma coisa eu digo a senhora... (fala no ouvido dela que está sentada na varanda(?)) ... Eu vou juntar cada pedacinho do mundo igual o vovô fez, e no final eu vou trazer o mar de volta pro sertão... dentro ó... (bate na mala) dessa mala aqui. (ela entra correndo da vó e sorrindo)

NARRADOR

O sentido da menina era pior que de porco/ ela insistiu dia e noite dizendo a vó que ia buscar, dentro daquela mala o mar. Então, pra aventura ela saiu/ em busca de um mar que nunca existiu.

E então ela se foi. Despediu-se da vó que ficou com os olhos cheios, mas sabia que o melhor pro passarinho que quer voar...é realmente sair do ninho.

(Luciá se despede da vó. O cenário vai girando e elas continuam se dando tchau até a vó desaparecer)

Luciá dá os primeiros passos para o mundo/ e se depara com aquele que toma conta dos munturo/ O urubu de pena preta.

.....CENA II.....

[ALUCINAÇÃO ou REALIDADE?]

[Corpo de baile passa no palco com malas. Elas têm vestidos iguais e o rosto coberto por mascaras brancas sem expressão.]

-Entra a música.

CORPO DE BAILE:

Oh Luciá, Oh Luciá, Oh Luciá!

A sua história aqui eu vim contar. (2x)

URUBU: Me dê licença seu moço pra eu falar

Dessa moça que é linda de danar

Cheia de vida de amor e de paixão

Teve sua vida levada sem razão

CORPO DE BAILE:

Oh Luciá, Oh Luciá, Oh Luciá!

A sua história aqui eu vim contar. (2x)

URUBU: Desde menina pensava em viajar

Pelo mundo inteiro e encontrar

O mar aberto cheia de onda quis

Viver sua vida de forma mais feliz

CORPO DE BAILE:

Oh Luciá, Oh Luciá, Oh Luciá!

A sua história aqui eu vim contar. (2x)

URUBU:

Teve sua vida levada sem cautela

O véi Romeu acabou com os sonhos dela

Dentro de uma mala ousou enfiar

A nossa linda e formosa Luciá

CORPO DE BAILE:

Oh Luciá, Oh Luciá, Oh Luciá!

A sua história aqui eu vim contar. (2x)

[Luciá entra em cena perdida, ela não sabe mais para onde deve ir. Acima dela a sombra do urubu]

URUBU - Moça bonita com laço de fita. O que te traz a essas terras tão quentes e esquecidas?

LUCIÁ - Eu ando em busca do caminho do mar! [certa e precisa]
[meche nos detalhes das fitas no cabelo]

URUBU - E como eu devo lhe chamar?

LUCIÁ - Me batizo por Lucia, mas me chamam de Luciá. Por causa da minha vizinha Tereza que insistia em acentuar meu a.... e o senhor como que devo lhe chamar?

URUBU - (fundo musical)

Passando pelo sertão você há de avistar

Todo tipo de bicho que aqui coabitar

Nessa terra quente e esquecida

Só o urubu da pena preta, ousa mesmo de ficar

Em cima das galhas secas

Esperando sorrateiro

Um indivíduo ser puxado

Pelas graças divinas e sua carcaça ser largado

Falo muito, falo alto

Mas não sou de cantar

Vim de fábrica sem siringe que é o que faz sabiá assobia

Mas posso te garantir uma coisa

Sobre esse sertão eu sei de coisa que o diabo há de duvidar

Me chamam de Zé Dulu. [faz uma reverencia] E essa mala? Que segredos traz ai?

LUCIÁ - Isso aqui é assunto meu, mas nada que o senhor deva se preocupar.... E os caminhos do mar? O senhor sabe pra onde fica?

URUBU - Eu conheço cada estrada desse sertão. Sei de onde começa e onde se finda.

LUCIÁ - Então o senhor vai poder me ajudar?!

URUBU- Eu até posso lhe indicar a direção, mas não por gentileza ou gratidão.

[Revirando sua bolsinha procura uns trocados que trazia]

LUCIÁ - Pois me diga quanto é que custa?

URUBU - O meu preço num se paga com tostão....

LUCIÁ - E o que é que lhe causa agrado?

URUBU - Gosto de ouvir histórias, interessantes e que me deixem entusiasmado.

LUCIÁ - Ah! Isso então eu dou conta. Meu vó Romeu era como um livro repleto de histórias. De amor, de morte, de amigo... é só você escolher... que lhe digo.

URUBU- Engraçado você comentar. Muito tempo atrás um velho Romeu tentou passar, nessas terras esquecidas cheios de histórias pra contar.

LUCIÉ- Vô Romeu? Foi seu conhecido? Ele conseguiu chegar? Passou pro lado de lá ou de cá? Ele trazi.. (O urubu a interrompe)

URUBU- Calma moça bonita do laço de fita. Vou te contar... sente acolá!

Em terras esquecidas, quente de amargar

Um velho senhor barbudo

Por aqui se quis passar

Andava meio de banda

Uma perna meia manca ..

LUCIÁ- Usava chapéu de lado? Com um monte meio amassado? Passando a mão de baixo a cima?

[O urubu para, vai até a menina. Encara bem de frente e termina a sua rima]

URUBU- ...E não cansava de falar, de uma linda menininha, que usava fita no cabelo e saia de florzinha. Mas me diga uma coisa, sem muita conversa, o que traz nessa mala? Muito me interessa.

LUCIÁ - Já lhe disse muito antes, que essa mala é assunto meu! Mas me diga o senhor pra onde é que devo ir? Preciso encontrar o mar eu não posso desistir.

URUBU- Já que seus segredos não querem dividir, procure aquela consagrada por Luiz. Que com sua sanfona fez voar a asa branca no céu do meu sertão.

[Aponta o caminho que ela deve seguir, uma luz se acende indicando a direção]

LUCIÁ SAI DE CENA

[Entra música e o corpo de baile, instrumental de asa branca. Elas dançam e fazer a troca de figurino da personagem]

URUBU:

Vejam bem essa mocinha

Cheia de vida e esperança

Procurando um caminho

Sem saber qual distancia

Numa mala ela carrega
 Segredos que nem ela sabe direito quais são
 Sou urubu da pena preta
 Sinto cheiro de carniça quando passa e não se vão.

.....CENA III.....

[Luciá entra sorrateira enquanto todos dançam. As bailarinas a veem e saem correndo. De traz da arvore ela sai.]

LUCIÁ- Me desculpe atrapalhar, sua dança é tão linda. Mas me mandaram encontrar asa branca do sertão, e algo me diz, no fundo do meu coração, que você pode me ajudar. A encontrar o que a muito procuro, o caminho que me leve lá pras bandas do mar.

ASA BRANCA: Ouvi falar de você, uma moça jovem, bonita, com laço de fita ...e uma mala [vai até a mala com bastante interesse] cheia de histórias pra contar.

LUCIÁ: O bonita eu lhe agradeço, são seu olhos ei de crer. O laço foi minha vizinha que me deu ... (ela não consegue lembrar) a mala (mudando de assunto) é coisa minha não precisa preocupar. Mas me diga, você pode me ajudar?... o mar, fica pra lá ou pra cá?

ASA BRANCA- posso sim lhe ajudar, mas primeiro preciso de ajuda! A muito tempo quero encontrar uma bela e doce manga, rosada por fora, cheirosa e suculenta.

LUCIÁ- Mas onde é que eu vou achar uma manga nesse tempo?

ASA BRANCA- Você é menina esperta vai descobrir um jeito. Olha o que é isso atrás de mim? UMA ARVORE! (descaradamente) você pode subir e olhar se la em cima tem manga!

LUCIÁ- Mas isso é um Juazeiro!

ASA BRANCA- SOBE! [Luciá toma um susto] digo, sobe por favor.

[Luciá sobe na "árvore". A Asa Branca corre até a mala]

ASA BRANCA- essa menina não faz ideia do que aqui tem, fica nesse lenga lenga e não..

LUCIÁ- Dona.... Dona... como é mesmo seu nome?

[tentando a todo custo abrir a mala que força força, mas permanece fechada]

ASA BRANCA- Me conhecem por Clemente, uma pomba lesa que não sobe em arvore e não mente.

LUCIÁ- Então dona Clemente, aqui em cima já olhei e nada de manga encontrei, só tem galho seco e muito espinho, vou me descendo pra mode continuar meu caminho.

ASA BRANCA- Não se apresse minha jovem, a vida é mais longa do que imagina. Apesar que pra você... um ponto e já se finda, [sem Luciá ouvir] mas nessa mala o que realmente tem?

[Luciá desce da árvore encontra com a Clemente e as duas cantam juntas]

ASA BRANCA- Tem flores?

Tem sementes?

Uma roupa pra trocar?

Tem bitucas de cigarro que ele usava pra queimar?

Tem seus sonhos?

Suas horas?

Ou quem sabe seu cantar?!!!

LUCIÁ- tem meus sonhos, minhas horas ou que sabe o meu cantar.

ASA BRANCA- Tu es sonho que não pode, que não pode mais sonhar

Uma flor que o teu vô, não, teve pena de amassar

LUCIÁ- uma flor que, o meu avô, não, teve pena de amassar.

LUCIÁ- O que quer dizer com tudo isso?

[Quebra a tensão e volta para um ar alegre e descontraído]

ASA BRANCA- minha cara olhe aqui, o que é que essa mala tem de verdade ai dentro? Só queria curiá pra ver se realmente faço canto certo e sem julgamento.

[Luciá pega sua mala de forma brusca tirando de perto da Asa Branca]

LUCIÁ- Eiiiiita que cismaram com essa mala! Trago nela.... é.... um monte de coisa.

ASA BRANCA- Me fale uma somente, que lhe deixo em paz seguir em frente.

(Ela fica pensativa tentando adivinhar, o que realmente tem na mala que todos insistem em questionar)

LUCIÁ- Trago nela sonhos...

ASA BRANCA- Que não pode mais sonhar.

LUCIÁ- Tem também umas canções..

ASA BRANCA- Que não pode mais cantar.

LUCIÁ- Umas lembranças..

ASA BRANCA- Que sumiram, se perderam e precisa encontrar.

LUCIÁ- Acho melhor eu ir me indo, já que não me deixa nem falar.

[A asa branca sai incrédula da situação, com o bico torto e rabissaca. Luciá circula o palco, encara sua mala e começa a questionar]

LUCIÁ- O que diabos tem essa mala que todo mundo quer abrir, até parece que não sei o que eu trago ai... ta cheia de ... (ela tenta lembrar)...tem coisas de.... lá de, de...

[Enquanto ela se questiona pega sua mala e sai em direção ao sul, dando a volta no palco e voltando para o mesmo lugar.]

.....CENA IV.....

[Luciá entra em cena perdida, ela não sabe mais para onde deve ir. Acima dela a sombra da serpente enroscada na árvore]

SERPENTE- Moça bonita com laço de fita, o que faz nessas terras tão quentes e esquecidas?

LUCIÁ - Eu estava buscando um caminho... (perdida e sem saber para onde exatamente está indo)

SERPENTE - E como eu devo lhe chamar?

LUCIÁ - Me batizo por Lucia, mas me chamam de Luciá. Por causa da minha vizinha Tereza que insistia em acentuar meu a.... e a senhora como que devo lhe chamar?

SERPENTE- creio que há de saber já que aqui se fez passar mais de 50 vezes se sentar para contar. Não encontraste o caminho do mar não é mocinha?

LUCIÁ- Como sabe o que busco, se não lhe falei ainda?

SERPENTE- É muito fácil deduzir, minha querida. Essa história se repete desde a época da minha mãe! Com prima, sobrinha, filha, esposa, amiga, vizinha...

LUCIÁ- Não sabia que que tanta gente buscava o mar assim!

SERPENTE- Oh! Minha pobre querida... [rodopia ela de um lado para outro do palco colocando-a na marca do início] o que te traz a essas terras tão quentes e esquecidas?

LUCIÁ- Eu ando em busca do caminho do mar! (perdida, questiona)

SERPENTE- E como devo lhe chamar?

LUCIÁ - Me batizo por Lucia, mas me chamam de Luciá. [Os dois falam juntos] Por causa da minha vizinha Tereza que insistia em

acentuar meu a.... e a senhora como que devo lhe chamar? (confusa e sem entender o que está acontecendo)

SERPENTE: Muitos me chamam de perversa

Outros de pecadora

Na verdade, o que eu quero é ser libertadora

Te mostrar o caminho, descobrir o seu destino

Fazer de você, mulher livre

Tirar as amarras, largar essa mala..

E então transcender, sair desse caminho que nada tem pra ver!

LUCIÁ- Então o mar. Você não sabe dizer?!

SERPENTE- Minha querida. Nessa mala o que realmente traz ai?

[confusa com a situação encara sua mala sem saber qual a razão de carregar algo tão grande e pesado se não faz mais sentido o mar ser guardado]

LUCIÁ- Assunto meu posso lhe dizer! Mas por favor não vá se preocupar. O caminho do mar fica pra lá ou pra cá?

[A serpente sobe a árvore se enroscando; A música entra; O balé entra e se posicionam]

SERPENTE- O que procura é realmente o mar? Creio que lá no fundo você há de concordar que dentro dessa mala por aqui se fez passar: Bruna, Bianca, Maria, Fernanda, Camila, Josefa, Letícia, Andreia, Francisca, Palina...[A cada nome falado um foco se ascende em cada bailarina e ela tira sua máscara]

[Olhando pra sua mala se encontra a pensar, enquanto a Serpente recita nomes sem parar, vai até ela e a encara]

[Enroscada na árvore sem medo de falar, a serpente se contorce e começa a recitar]

SERPENTE- Pobre menina tola mal sabe ela que o que procura sem trégua está ali, bem em baixo do seu nariz. Uma alma perdida como cem outras, presa num loop de incertezas tendo que ser puxada aos poucos, pra não se quebrar em pedaços nem perder a cabeça.

[Ciranda da Luciá cantada pela Serpente; Balé e coreografia]

.....**CENA V**.....

[Luciá com sua mala a encarar, antes de abrir dalhe a questionar]

LUCIÁ- Me infernizaram a vida tentando descobrir o que tem nessa mala agora EU que tô aqui. Sem saber o que penso achei ter razão de que o que tanto procurava não era essa ilusão, de um mar grande e cheio de vida, me deparo com aquilo que me tirou a vida, acreditei cada segundo num amor que não se tinha, quando menos esperei tava aqui ó [abrindo a mala e tirando um espelho]. Cada canto e pedaço meu, estraçalhado por um amor do velho Romeu, mas que na verdade nunca aconteceu.

[Ela se olha no espelho com dor da lembrança do sofrimento e aos poucos vai entrando na mala com luzes que ultrapassam dando volta em sua silhueta lhe dando porta de entrada. Entra na mala sem pressa, lugar escuro e frio onde foi colocada, enfiada e esquecida desapareceu do nada sem deixar nenhum vestígio. Depois que a mala se fecha de arranco se abriu de novo voando de dentro dela dezenas de mulheres que hoje são um número, transformadas em borboletas com nome data e assunto]

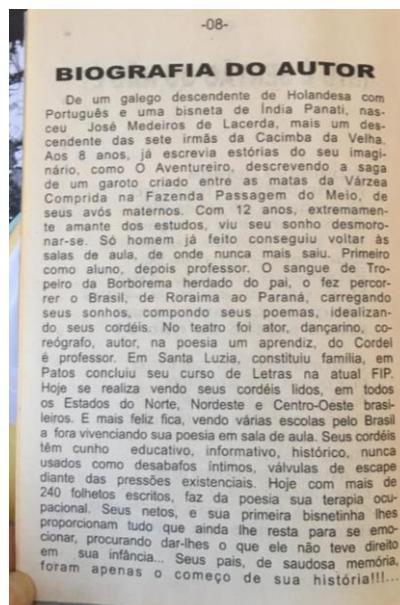
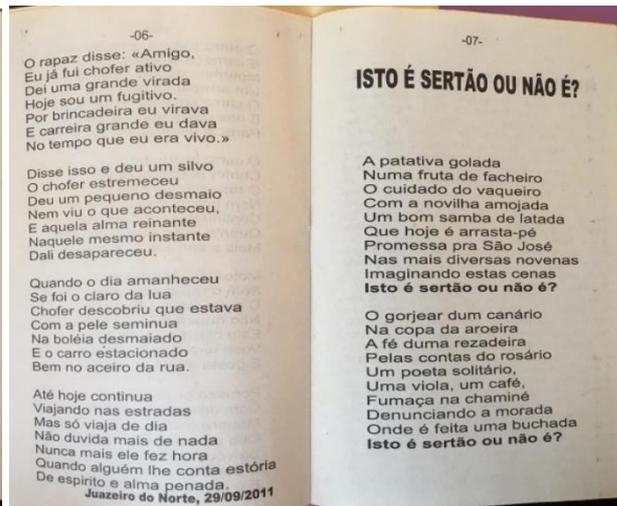
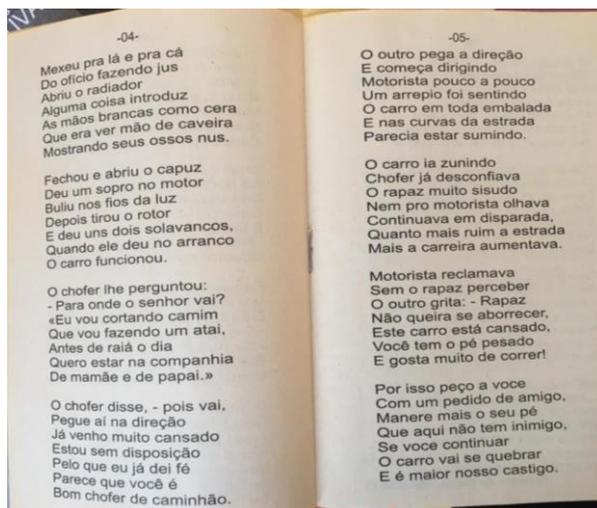
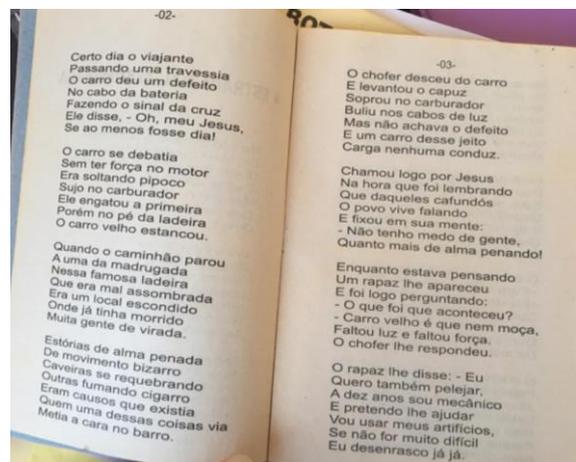
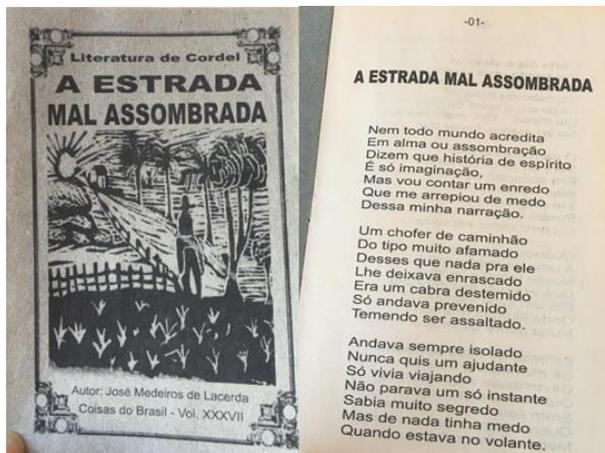
TEMPO

[O ponto nem sempre é o fim]

ANEXO

ANEXO A- A ESTRADA MAL ASSOMBRADA

Folheto de cordel de José Medeiros de Lacerda



ANEXO B- A BOTIJA NA SERRA DO MALASSOMBRO

Folheto de cordel de José Medeiros de Lacerda



-01-
COISAS DO BRASIL, VOL. XV
Baseado no poema O BOTIJA ENCANTADA
do Poeta Vanderley de Brito

Dos meus tempos de criança
Eu trago sempre comigo
As estórias de trancoso
De papangu, papa-figo
De casa mal-assombrada,
Medo de alma penada
Era o meu maior castigo.

Este medo tão antigo
Foi sumindo da lembrança
Assim como o lobisome
E outros medos de infância
Foi se indo da memória
E nessas velhas histórias
Fui perdendo a confiança.

Guardo sempre na lembrança
Um antigo programaço
Que eu fiz com alguns amigos
No maior estardalhaço
Noite de lua, fogueira,
Música clássica e bebedeira
Lá na Serra do Cabaço.

